

LIVRO 2

O PARADIGMA ESPIRITUAL COMO
CAMINHO



PSIQUIATRIA, ESPIRITISMO E CIÊNCIA

TIAGO MEDEIROS SALES
ÂNGELA MARIA BESSA LINHARES

Atena
Editora
Ano 2022

LIVRO 2

O PARADIGMA ESPIRITUAL COMO
CAMINHO



PSIQUIATRIA, ESPIRITISMO E CIÊNCIA

TIAGO MEDEIROS SALES
ÂNGELA MARIA BESSA LINHARES

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Biológicas e da Saúde**

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás



Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto
Prof^o Dr^a Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Prof^o Dr^a Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^o Dr^a Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Prof^o Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^o Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^o Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^o Dr^a Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Prof^o Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Prof^o Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^o Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^o Dr^a Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^o Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^o Dr^a Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Prof^o Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Welma Emídio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco



Psiquiatria, espiritismo e ciência: o paradigma espiritual como caminho científico

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Autores: Tiago Medeiros Sales
Ângela Maria Bessa Linhares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S163 Sales, Tiago Medeiros
Psiquiatria, espiritismo e ciência: o paradigma espiritual
como caminho científico / Tiago Medeiros Sales,
Ângela Maria Bessa Linhares. – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-819-6
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.196222001>

1. Psiquiatria. 2. Espiritismo. 3. Ciência. I. Sales, Tiago
Medeiros. II. Linhares, Ângela Maria Bessa. III. Título.
CDD 616.89

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



Não há fé inquebrantável senão aquela que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da humanidade.

KARDEC, 2009b, p.3

APRESENTAÇÃO

Sobre a obra

Esta obra é originada da dissertação de mestrado: *“A Produção de Saber na Interface entre os Transtornos Psiquiátricos e a Espiritualidade: a perspectiva espírita em pauta”*, defendida em 2017, pelo Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal do Ceará (UFC).

A obra tem o título *Psiquiatria, Espiritismo e Ciência* e foi dividida em quatro livros, com os seguintes subtítulos: LIVRO 1 - Uma Introdução Conceitual e Histórica, trazendo os temas psiquiatria, espiritismo e espiritualidade, em seus conceitos, história e fatores relevantes; LIVRO 2 - O Paradigma Espiritual como Caminho Científico, que versa sobre a ciência, os paradigmas científicos e o paradigma do espírito; LIVRO 3 - Um Diálogo sobre Psicose, que aborda a psicose por meio de um diálogo interdisciplinar entre terapeutas espíritas de diferentes áreas, entremeados da literatura espírita e científica; e LIVRO 4 - Um Diálogo sobre Dissociação e Depressão; com foco nos temas referidos e utilizando o diálogo interdisciplinar dos terapeutas e a literatura espírita e científica como base teórica.



Os livros possuem uma linearidade racional, de acordo com o que foi produzido na dissertação. Logo, é interessante (sugerimos) que sejam lidos em sequência. Entretanto, são obras independentes, e podem ser lidos de forma separada, de acordo com o interesse temático do leitor. O livro 1 e o livro 2 possuem maior proximidade, por tratarem de questões conceituais e filosóficas. Nessa perspectiva, eles são complementares.

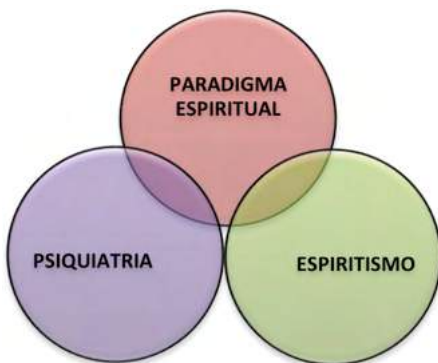




O livro 3 e 4 são, notadamente, relacionados, uma vez que ambos abordam assuntos paralelos – transtornos psiquiátricos e a ótica espírita. Por isso, o livro 3 e 4 são complementares para uma visão mais ampla sobre esse tema.

A obra *Psiquiatria, Espiritismo e Ciência* possui dois temas principais – psiquiatria e espiritismo. Para cada livro, há pelo menos um tema secundário que está ligado aos dois principais. Sobre a maneira como cada livro aborda suas questões temáticas, podemos referir:

Livro 1 – psiquiatria e espiritismo são abordados separadamente e não se tocam no ponto de vista teórico, mas ambos apresentam intersecção com o tema da espiritualidade e com a ciência relacionada.



Livro 2 – psiquiatria e espiritismo se tocam tangencialmente no ponto de vista teórico e apresentam intersecção com o paradigma espiritual.

Livro 3 – psiquiatria, espiritismo e psicose apresentam pontos de intersecção em comum, em teoria e prática dialogada;





Livro 4 – psiquiatria, espiritismo, dissociação e depressão apresentam pontos de intersecção em comum, em teoria e prática dialogada.

Sobre a psiquiatria

Hoje, o principal tratamento estipulado pelo psiquiatra consiste no uso dos psicofármacos. São medicações que promovem efeitos positivos sobre a neurofisiologia, amenizando sintomas psíquicos. Por meio dessas medicações, a psiquiatria evoluiu no trato dos pacientes em sofrimento mental, embora os resultados sejam imprevisíveis.

Reconheço o precioso valor dos psicofármacos nas terapêuticas das mais diferentes patologias mentais. No entanto, percebo uma parcialidade desses mesmos tratamentos, que muitas vezes não conseguem oferecer uma resposta adequada para muitas enfermidades dessa área médica. Na minha opinião, creio que isso se deva à complexidade da psique, que vai muito além do aspecto biológico (cerebral), pois também engloba os aspectos psicológicos, sociais e espirituais. Como a medicação só atua no cérebro, grande parte do complexo psíquico não é tratada pela ação do remédio.

Sobre o tratamento psiquiátrico

Bem, a ideia é que o tratamento de saúde mental envolva aspectos além da medicação. Por exemplo, imagine um caso fictício, mas, nem por isso inverídico:

Uma mulher casada, há algum tempo, sofre diariamente agressões morais e físicas do marido. Dia após dia, ela vive tensa, sempre coagida, tentando evitar discussões, mas continua sendo vítima da violência do marido abusador. O que acontece? Essa mulher, com o tempo, desenvolve um quadro depressivo.

Mas, imagine que essa mulher não tem, em seus antecedentes médicos, qualquer fator de risco orgânico para depressão. Não tem histórico familiar psiquiátrico, não tem quadro psiquiátrico prévio, nem transtorno mental ativo - que sirvam como gatilho. O diagnóstico aparente é que, a depressão dessa mulher, parece muito mais de origem psicológica e social do que física, pois ela não tem predisposição genética ou fragilidade orgânica que justifique a depressão como 'cerebral'.

Digamos que essa mulher, ao invés de procurar um psicoterapeuta, procure primeiro

um psiquiatra. Para esse profissional, vai estar claro que ela se encontra deprimida. Dentro da sua função, esse psiquiatra a receita uma medicação antidepressiva, o que é o correto para o quadro apresentado. Mas nenhuma outra assistência psíquica foi ventilada por ela. O tratamento fica apenas na medicação.

Do ponto de vista pragmático, é esperado que a medicação resolva a doença, ou seja, a mulher fique curada da depressão. Correto? Mas, o que acontece na realidade, é que a paciente pode até melhorar dos sintomas com o tratamento medicamentoso, porém ela não vai chegar a uma cura por um motivo simples – a mulher sofre diariamente de agressões do marido. Então, como a medicação poderia mudar esse cenário? Como tratar a depressão de alguém que continua sofrendo abusos contínuos? Acredito que é pura inocência pensar que um antidepressivo resolve a dor humana em contextos como esse.

A questão é que a medicação, apenas, não dá conta sozinha da complexidade psíquica e da dinâmica da vida. Ela é importante, sim, mas é preciso associar cuidados humanos para cuidar do indivíduo como um todo, em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais e espirituais.

Para cuidar dessa paciente é essencial o tratamento psicoterápico. Considero a hipótese que não teria como realizar um tratamento efetivo sem uma psicoterapia associada à medicação. Nesse exemplo, a psicoterapia seria tão relevante quanto o tratamento medicamentoso, pois essa paciente tem um problema que parece ser de caráter socioemocional em sua origem, mais do que psiquiátrico. O ideal, de fato, é conciliar as duas terapêuticas – psicoterapia e medicação - para aumentar a eficácia do tratamento, visto que ela já está com sintomas de depressão, o que também solicita o uso de medicação.

Então, medicação e psicoterapia vão curar essa mulher? Tem uma armadilha nessa pergunta. Curar como? Curar seria ficar sem a depressão? Para isso, que conteúdos essa mulher levaria para o consultório do terapeuta? O que realmente a incomoda? E que mudanças seriam necessárias para modificar esse quadro? Aparentemente, não há como saber. Essas respostas somente ela, essa mulher, poderia fornecer. Para reconfigurar casos como esse, é preciso participação ativa dos pacientes e, muitas vezes, não se consegue prever o desfecho. Na verdade, não se deve.

Imagine que o senso comum pense da seguinte maneira: Basta se separar desse marido abusador que essa mulher ficará curada. Ledo engano! E se a paciente se divorciar do marido e piorar ainda mais do quadro depressivo? Mesmo com a violência sofrida, será que ela não nutre algum afeto pelo marido abusador que a faz se submeter a tal violência? As pessoas são complexas...

Sobre a espiritualidade

A espiritualidade, por ser parte integrante da psique, também influencia nos transtornos psiquiátricos. Retorno ao caso da mulher agredida. Algumas perguntas podem ser feitas: A mulher possui alguma espiritualidade ou religião? Qual a visão do casamento para essa mulher? Ela acredita e segue o *“até que a morte os separe”*? A

crença espiritual dessa mulher lhe garante força, resiliência para suportar a situação em que se encontra? Ou a crença espiritual lhe impede de tomar atitudes contraindicadas pelo padre ou pastor que a assiste, ou pelos seus dogmas religiosos? Ela possui alguma forma de aconselhamento espiritual que a ajude na saúde mental? Enfim, são muitas questões associadas à espiritualidade e, influências distintas, positivas e negativas da espiritualidade sobre a psique.

A questão espiritual pode influenciar no comportamento dos indivíduos, de forma direta e indireta. Dentro dessa perspectiva, a espiritualidade constitui fator relevante para as tomadas de decisões e, por vezes, representam aspectos principais para a saúde ou para o adoecimento da mente. A psiquiatria tradicional, muitas vezes, não considera a espiritualidade como fator relevante.

Sobre a pesquisa

Ao exercer minha profissão, em certas ocasiões, fiquei insatisfeito com os resultados da prática psiquiátrica tradicional, de cunho farmacológico. Em contrapartida, encontrava na literatura espírita muitas informações interessantes sobre os transtornos mentais. Fato é que, enquanto espírita, eu via no consultório manifestações que me pareciam espirituais; e, ao mesmo tempo, na mediúncia do Centro Espírita que frequento, tinha contato com pessoas e espíritos com sintomas psiquiátricos. Achava isso curioso e instigante!

Então, resolvi pesquisar a relação entre os transtornos psiquiátricos e a espiritualidade, mas com foco na visão espírita. Encontrei espaço com a Dra. Ângela Linhares, da Saúde Coletiva da UFC (Universidade Federal do Ceará), que foi minha orientadora do mestrado e grande inspiração nessa empreitada. Aprendi imensamente com ela. Fizemos essa pesquisa juntos. Formamos o “nós” nessa trajetória.

Nosso estudo teve como intuito conhecer e refletir acerca da relação entre os transtornos psiquiátricos e o espiritismo, em uma perspectiva conjunta desses dois olhares, os quais dialogam em prol de um conhecimento integrado – sendo este o objetivo da pesquisa desde o início. Chegamos, então, a esse objetivo, uma “produção de saber na interface entre os transtornos psiquiátricos e a espiritualidade, tendo a perspectiva espírita como pauta”.

Sobre o método

A psiquiatria e o espiritismo são repletos de singularidades, por isso se apresentam como objetos de estudo complexos. Diante dessa perspectiva, optamos pela pesquisa qualitativa, de caráter subjetivo, compreensivo e analítico que proporciona melhor visão sobre o tema pesquisado. O nosso propósito não foi de mensurar, mas de entender a peculiaridade dos transtornos mentais, sob um olhar conjunto da psiquiatria com o espiritismo.

Para isso, primeiro buscamos uma revisão literária da psiquiatria, no que toca o

espiritismo, e do espiritismo, no que toca a psiquiatria. Como a psiquiatria e o espiritismo são áreas distintas do conhecimento, também precisamos rever a própria ciência, no caso, a epistemologia que é a ciência que estuda a ciência. Encontramos nos paradigmas científicos emergentes – quântico, holístico, sistêmico, ecológico e complexo e, principalmente, no paradigma do espírito, um caminho para o diálogo entre a psiquiatria e o espiritismo.

Com a teoria da pesquisa elaborada e justificada, foi possível irmos em busca da coleta de informações. Reunimos profissionais da saúde mental, com inclinação espírita, para diálogos em Ciclos Reflexivos sobre transtornos psicóticos, dissociativos e depressivos. As informações obtidas nos Ciclos Reflexivos foram somadas à revisão de literatura, gerando um conhecimento integrado, o qual corresponde exatamente ao saber que pretendíamos produzir na pesquisa.

Sobre as pesquisas acerca do tema

A psiquiatria tem bastantes pesquisas dentro do campo da espiritualidade. São pesquisas que, em sua maioria, seguem o campo da metodologia quantitativa com resultados interessantes que ressaltam o peso da religião e da espiritualidade quanto à saúde mental. Dentre essas pesquisas, apenas um número reduzido foca nos fenômenos ditos espíritas, como os fenômenos mediúnicos, por exemplo. Isso ocorre porque, segundo os dados do IBGE, no último censo de 2010, o número de espíritas no Brasil é de apenas 2%. Embora o número de pessoas, que acredita na vida após a morte e, que tenha empatia pela reencarnação, passe de 20%, segundo o IBGE.

Nossa pesquisa tem o espiritismo como pauta principal, e não todo o tema da espiritualidade. Além disso, eu, enquanto pesquisador desse objeto de estudo, penso que o nosso enfoque qualitativo nos permitiu chegar a um conhecimento mais abrangente sobre o tema.

Sobre o paradigma espiritual

O paradigma do espírito se trata de um novo paradigma dentro da ciência. Está inserido nas ciências humanas e da saúde pela abertura proporcionada pelos paradigmas emergentes – quântico, holístico, sistêmico, ecológico e complexo. Este novo paradigma adota a possibilidade científica do sujeito humano como um ser espiritual em essência. Nessa perspectiva, o homem está além da matéria, além da biologia. O ser, então, não é o corpo, mas o próprio espírito, sendo este anterior ao nascimento e prevalente à morte física.

A ciência, ao acolher o paradigma do espírito, também chamado paradigma espiritual, abre espaço para pesquisas e reflexões em busca de uma perspectiva mais ampla sobre o homem e sua existência. Creio que o espírito humano é um campo vastíssimo de possibilidades científicas.

Para o nosso estudo, o paradigma do espírito foi resultado e meio de pesquisa, ao

mesmo tempo. Foi através dele que atingimos o que pretendíamos sobre essa relação da psiquiatria com o espiritismo. Até porque era preciso um intermediário científico entre esses dois temas, pois a psiquiatria e o espiritismo são de áreas do conhecimento diferentes. Os paradigmas emergentes, mas principalmente o do espírito, serviram a esse propósito.

Sobre a psicose e o espiritismo

A psicose se trata de uma alteração da mente, presente principalmente nos transtornos psicóticos. Estes correspondem a um tipo de perturbação mental em que se pode verificar pelo menos um dos seguintes fatores: (1) alteração da percepção pelos sentidos, como uma alucinação (ver ou ouvir o que não existe) visual ou auditiva, ou uma ilusão (ver ou ouvir de forma distorcida o que existe) visual ou auditiva; (2) alteração do conteúdo do pensamento, como delírio (crença sobre algo irreal mantida com convicção) ou desorganização do pensamento (falta de coerência, lógica e linearidade) e (3) alteração do comportamento, como agitação, desorganização, agressividade, lentificação, entre outros.

Mais sintomas podem estar presentes nos transtornos psicóticos, como: alterações da fala, como o mutismo (ausência de fala) e a logorreia (fala exagerada, em grande quantidade); alterações da socialização, como isolamento social, ou comportamento social inapropriado (desinibição, por exemplo); alterações do afeto, como o embotamento afetivo (emoções sem variar independente do estímulo); além da perda de capacidade funcional para as atividades da vida diária, parcial ou total.

A visão atual dentro da psiquiatria credita ao fator biológico, como a genética, grande parte da responsabilidade dos transtornos psicóticos, em que a esquizofrenia é a patologia mais conhecida e estudada. O fator psicológico também é considerado, sendo já estabelecido que o estresse ambiental (psicossocial) age sobre a predisposição genética, ajudando a deflagrar a moléstia psicótica. No entanto, essa visão da psiquiatria não consegue explicar, ou mesmo tratar os transtornos psicóticos de forma satisfatória.

Pesquisas mostram que gêmeos monozigóticos univitelinos, ou seja, idênticos, que possuem a mesma genética, apresentam uma concordância para esquizofrenia não superior a 50%. Explicando melhor: dois irmãos gêmeos idênticos possuem um mesmo DNA, logo, em teoria, a mesma predisposição genética para o transtorno psicótico. São normalmente criados em um mesmo ambiente familiar, uma vez que são irmãos. No entanto, se um dos deles desenvolve esquizofrenia, o outro possui uma chance máxima de 50% para desenvolver a mesma patologia. Pela teoria da psiquiatria, essa chance deveria ser bem maior. Então, compreendemos que a teoria psiquiátrica sobre a causa dos transtornos psicóticos está errada ou, pelo menos, incompleta.

Nesse ponto, a doutrina espírita se encaixa como possibilidade de explicação. A doutrina refere que existe uma causa primeira, anterior à predisposição genética ou aos fatores psicológicos, que é responsável pelo surgimento do transtorno. Essa causa seria a causa espiritual. Segundo a doutrina espírita, qualquer adoecimento no intercurso da vida, seja físico ou mental, está primariamente relacionado à condição espiritual do ser. Então,

sob esse prisma, os aspectos físico e psicológico estariam em um segundo plano.

Para dar base à teoria espírita, o espiritismo conta com vasta literatura sobre o tema da saúde mental e dos transtornos psiquiátricos. Parte dessa literatura é fruto de investigações científicas de pesquisadores renomados, que optaram em estudar os fenômenos psíquicos como possíveis desvios mentais, mas descobriram se tratar de fenômenos espirituais não patológicos. Dessa forma, entendemos que o espiritismo se relaciona a todos os transtornos mentais, à psiquiatria e às demais ciências psíquicas.

Sobre a dissociação e o espiritismo

A dissociação é uma alteração da consciência, que passa a se manifestar de forma diferente do usual, diferente do padrão de personalidade previamente estabelecido. É como se uma outra consciência passasse a se expressar, demonstrando vontades e/ou comportamentos divergentes da consciência já conhecida. Em certos aspectos, pode parecer até outra pessoa, ou outra personalidade.

Os episódios de dissociação da consciência podem configurar os transtornos dissociativos, dependendo de sua apresentação e do tempo de duração. Destes transtornos, os mais associados à visão espírita são: estados de transe e possessão e personalidades múltiplas, ou transtorno dissociativo de personalidade.

Segundo a psiquiatria há uma tendência de compreender que a consciência que se expressa na dissociação é uma fração de uma consciência única, que se separa do todo, e que vai adoecer o paciente. O tratamento, portanto, seria reintegrar essa fração de consciência para a unidade e, para isso, a psicoterapia é a primeira indicação, com resultados questionáveis. Os psicofármacos têm pouco ou nenhum efeito sobre esse tipo de transtorno. Então, abre-se espaço para novas teorias.

Para o espiritismo, a causa espiritual é a responsável pela dissociação e pelos transtornos dissociativos. Em um primeiro momento, o espiritismo não entende a dissociação como algo necessariamente patológico, como exemplo a psicografia, que se trata da escrita realizada por um espírito que escreve por meio da mão de um médium. Este médium, no caso, não tem consciência sobre o movimento de sua mão, no entanto, escreve mensagens com conteúdos que podem não pertencer aos seus conhecimentos prévios. Essa capacidade não configura um sintoma ou patologia para o médium, uma vez que não lhe traz prejuízo. A psicografia é um exemplo de dissociação não patológica.

Sobre os transtornos dissociativos, a literatura espírita é ampla e muitas vezes bem diretiva. Talvez seja a classe de transtornos que possua mais associação com as questões espirituais, haja vista a riqueza de informações que encontramos sobre esse tema nesta literatura. A considerar que a psiquiatria e a psicologia ainda carecem de conhecimento mais profundo sobre os transtornos dissociativos e sobre as alterações da consciência, entendemos que o espiritismo se apresenta como fonte de informação válida para investigação desse fenômeno.

Sobre a depressão e o espiritismo

A depressão corresponde à alteração do humor/afeto que configura os transtornos depressivos. Isso ocorre quando a depressão reúne uma série de sintomas da esfera emocional por um mínimo de tempo determinado. A 'depressão maior' seria o transtorno mais representativo desse grupo, que conta com inúmeras classificações e subclassificações diferentes, mas que apresenta três aspectos principais: (1) humor deprimido e/ou falta de prazer e interesse nas atividades, (2) redução do nível de energia, com sensação de fadiga ou desânimo e (3) lentificação psíquica e motora.

Sobre a depressão, a psiquiatria segue a mesma linha de raciocínio da esquizofrenia, considerando os constituintes biológicos e psicológicos como causa para a gênese do transtorno. Logo, são esses aspectos os mais lembrados na indicação de tratamento psiquiátrico: medicação, para o tratamento biológico e, psicoterapia para o cuidado psicológico. Porém, encontram-se, tanto na prática clínica quanto nas evidências de pesquisas científicas, resultados ineficazes para o tratamento psiquiátrico da depressão. Trata-se de um transtorno com altos índices de respostas parciais ou ausentes ao tratamento medicamentoso, além de grande quantidade de casos de recorrência dos sintomas.

Mais uma vez o espiritismo entra como uma opção para ampliar o escopo teórico sobre a depressão, desde a sua causa até o seu manejo. O espaço vazio que a ciência psiquiátrica ainda não conseguiu ocupar permite que o espiritismo se apresente para esse intento. Além do mais, o transtorno depressivo está em aumento progressivo, o que justifica que outras ciências devam auxiliar no cuidado coletivo e preventivo dessa mazela, uma vez que a psiquiatria se concentra em um cuidado apenas individual e curativo.

Enfim, encontramos, como nos outros transtornos, uma literatura espírita vasta sobre a depressão. Também detectamos um maior nível de conforto na produção de conhecimento sobre esse tema, perceptível no Ciclo Reflexivo, provavelmente por se tratar de um transtorno mais prevalente e conhecido. Dentro da abordagem acerca do tratamento da depressão, notamos uma inclinação de cunho terapêutico psíquico, como uma assistência psicológica de base espírita. Isso nos pareceu bastante interessante, pois representa certo ineditismo para o campo psicológico. Talvez, cenários de uma psiquiatria futura. Creio...!

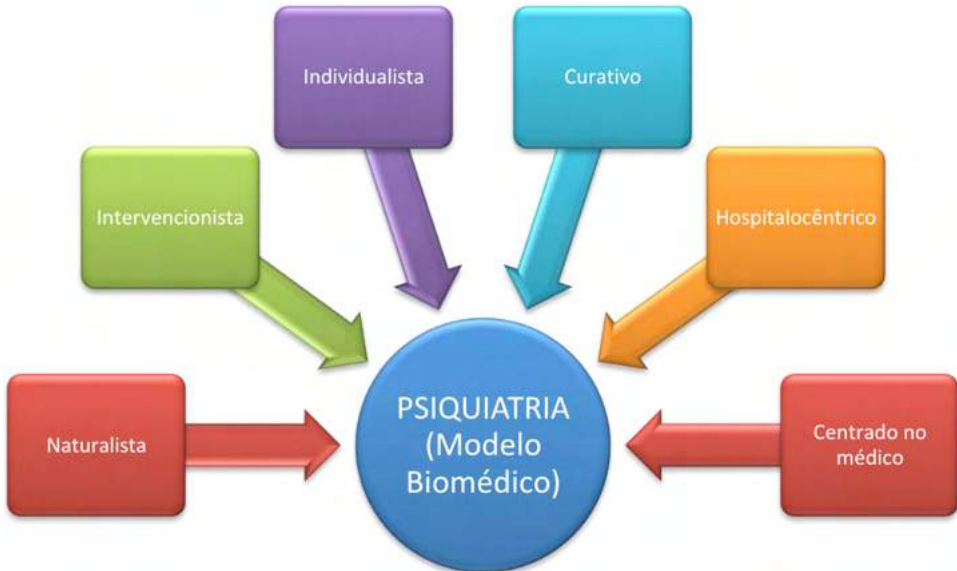
SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
PERCURSO METODOLÓGICO NA REVISÃO QUALITATIVA.....	6
OS PARADIGMAS CIENTÍFICOS VIGENTES.....	9
Epistemologia e Paradigma Científico.....	9
Os Paradigmas Vigentes	10
O Newtoniano	11
O Materialista	12
O Cartesiano	13
O Positivista	13
CRISE E TRANSIÇÃO DOS PARADIGMAS CIENTÍFICOS.....	15
Anomalias Científicas	15
A Crise	16
A Transição	18
OS PARADIGMAS CIENTÍFICOS EMERGENTES	21
O Quântico.....	22
O Holístico.....	24
O Sistêmico.....	26
O Ecológico.....	27
O Complexo	29
Uma Visão Sociológica	32
NOVOS PARADIGMAS EM SAÚDE E ESPIRITUALIDADE	35
O Paradigma Biomédico.....	35
O Processo de Transição	37
O Ser Humano além da Matéria	39
Um Breve Olhar Espírita.....	42
Terapias Energéticas	43
A Espiritualidade e os Cuidados em Saúde	44
A CIÊNCIA PSIQUIÁTRICA E O SER COMO ESPÍRITO	46

A Psiquiatria Atual	46
A Psicoterapia e seu Papel Fundamental.....	48
A Questão Mente-cérebro.....	51
Transcendência e Consciência.....	55
O Ser como Espírito.....	56
Relação Espírito-cérebro	58
O PARADIGMA DO ESPÍRITO.....	61
Os Paradigmas Emergentes como Lente de Pesquisa	61
O Espiritismo como Fonte Teórica para a Pesquisa	63
O Tríplice Aspecto da Doutrina Espírita.....	65
O Paradigma Emergente do Espírito.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	75
SOBRE OS AUTORES	81

INTRODUÇÃO

A psiquiatria se insere em teoria e *práxis*, no modelo biomédico, está caracterizado por sua formação naturalista (prioriza visão biológica do ser), intervencionista (prioriza medicações e procedimentos), individualista (não prioriza assistência coletiva/comunitária), curativa (não prioriza prevenção), hospitalocêntrica (não prioriza assistência ambulatorial) e centrada na figura do médico (COSTA, 2007).



Dentro dessa linha de ação, a psiquiatria contemporânea tornou-se capaz de ofertar terapêutica para os mais complexos casos de alterações da cognição e do comportamento, possibilitando, até certo ponto, uma reabilitação do quadro patológico e uma maior qualidade de vida para os enfermos. No entanto, a psiquiatria ainda apresenta lacunas questionáveis em sua área de atuação: o sofrimento psíquico (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017).

Além do cérebro, a mente (ou psique) é o objeto de trabalho da psiquiatria, já que esta se destina a tratar os transtornos mentais. Os conteúdos psíquicos correspondem à soma do consciente e do inconsciente, compondo o complexo da consciência humana que é caracterizada pela relativa autonomia, abstração e não-linearidade de seus conteúdos, o que problematiza para a psiquiatria a abordagem de suas alterações.



Sobre o conceito de consciência (JUNG, 2013):

[...] os elementos constitutivos da consciência, isto é, as ideias e sensações – o chamado conteúdo da consciência – são bastante complexos e referem-se a elementos mais simples e inconscientes. A consciência surge do entrelaçamento entre esses dois níveis (p.227).

O estudo da mente é permeado pela subjetividade, fenômeno característico da condição humana. O homem está sempre apto à modificação, a transformar a si próprio e a sua realidade de forma inconstante, de acordo com a sua vontade e o poder de escolha inerente ao juízo crítico do ser. Para uma compreensão profunda da mente, somada as suas alterações, inúmeros fatores precisam ser considerados, englobando campos distintos da ciência e da cultura, como a espiritualidade (JUNG, 1994).

Sobre a religião e a saúde (KOENIG, 2015):

[...] uma base sólida de pesquisa e o senso comum argumentam que as crenças religiosas e espirituais dos pacientes estão ligadas, de algum modo, à sua saúde e ao seu bem-estar. Portanto, aprender a respeitar o poder dessas crenças e utilizá-las para acelerar a cura e a recuperação total do paciente deve ser prioridade para a medicina e o atendimento médico moderno (p.173).

A cultura religiosa, de ação mais externa, associada à espiritualidade, de origem mais interna, quando juntas se tornam bastante relevantes para a formação do ser humano, bem como importante objeto de pesquisa para a ciência. Moreira-Almeida (2005), Pargament (2007), Dalgarrondo (2008), Koenig (2015), dentre outros autores, deixam claro que as pesquisas empreendidas até então demonstram a importância de utilizar a religiosidade/espiritualidade (R/E) como fonte de trabalho, dentro da área médica. Logo, a R/E constitui objeto de pesquisa das ciências psicológicas, representando importante segmento do sujeito humano e instrumento modelador da saúde mental.

Sobre a relação entre a medicina e a dimensão religiosa (PANZINI; ROCHA; BANDEIRA; FLECK, 2007):

Apesar disso, enquanto a medicina oriental busca integrar de forma explícita a dimensão religiosa/espiritual ao binômio saúde-doença, a medicina ocidental como um todo, especialmente a psiquiatria, vinha tendo duas posturas principais em relação ao tema: negligência, por considerar esses assuntos sem importância ou fora da área de interesse principal; ou oposição, ao caracterizar as experiências religiosas dos pacientes como evidência de psicopatologias diversas (p.106).

No intuito de não sermos negligentes ou oposicionistas, trazemos o espiritismo para esse diálogo transdisciplinar. A doutrina espírita se trata de um conteúdo teórico compilado pelo trabalho de Allan Kardec, no século XIX. Reconhecida atualmente como religião, embora, em essência, seja uma ciência filosófica e empírica; a doutrina espírita se esforça na compreensão e direcionamento da mente humana, desde seus primórdios até o seu futuro.

Sobre a ciência espírita (DELANNE, 2009):

A ciência espírita tem um propósito mais nobre, mais grandioso; ela tem por principal objetivo provar-nos a existência da alma após a morte e, tivesse ela trazido somente esse resultado, as consequências que daí derivam, do ponto de vista moral e social, já seriam consideráveis. Mas seus benefícios não se limitam a isso; ela nos dá indicações precisas a respeito da vida futura, nos permite compreender a bondade e a justiça de Deus, nos fornece a explicação da nossa existência na Terra, em resumo, é a ciência da alma e das suas destinações (p. 183).

A doutrina espírita lida com o sujeito humano, reconhecendo-o como um ser espiritual, cujas características estão ligadas à razão e à moral. Busca, então, direcionar racionalmente o indivíduo para caminhos mais éticos, pois esta doutrina entende que a razão, aprimorada por uma distinção intelectual e moral, é a chave para uma melhor saúde psíquica e para uma paz coletiva.

Tanto o espiritismo, movimento originado pela doutrina espírita, como a psiquiatria possuem o enfoque no mesmo objeto científico: o ser humano e sua estrutura psíquica. Psiquiatria e espiritismo dispõem também a mesma finalidade: promover saúde mental para o indivíduo e para a sociedade. Entretanto, estas duas áreas do conhecimento pertencem a campos científicos diferentes: a psiquiatria está inserida nas ciências da saúde, seguindo o modelo biomédico; enquanto o espiritismo pertence às ciências humanas, embora seja visto culturalmente como uma religião. Logo, precisamos analisar a própria ciência para conseguir vincularmos essas duas áreas.



Como referido anteriormente, a psiquiatria e o espiritismo são ciências que compõem o corpo do conhecimento humano. Para uma melhor compreensão dessas ciências específicas, é preciso explorar a própria ciência, buscando esclarecer como esta foi construída e sobre qual corrente de pensamento está amparada. Para isso, é necessário entender o paradigma científico.

O termo 'paradigma' é usado em dois sentidos diferentes. De um lado, indica toda constelação de crenças, valores, técnicas, etc.[...], partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada. De outro, denota um tipo de elemento dessa constelação – as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregados como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes dos quebra-cabeças da ciência normal (KUHN, 1998, p.217).

O paradigma científico constitui, de acordo com Kuhn, o conjunto de crenças e técnicas que estabelece um modelo para o fazer científico. É a partir desse modelo paradigmático que a racionalidade científica e as experimentações são realizadas. Dentro da ciência, tal construção teórica é tão determinante que pode delimitar, sob seu jugo, o que é ciência do que não é ciência. Kuhn explica (1998, p.44):

Os cientistas não estão constantemente procurando inventar novas teorias; frequentemente mostram-se intolerantes com aquelas inventadas por outros. Em vez disso, a pesquisa científica normal está dirigida para a articulação daqueles fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma.

Os paradigmas que servem como base para a ciência são ditos hegemônicos e, servem de molde para todas as investidas dos pesquisadores, podendo acorrentar estes mesmos pesquisadores nas bases teóricas previamente determinadas. Atualmente, estamos ainda inseridos na vigência desses paradigmas tradicionais, que são de cunho materialista.

Apesar do direcionamento garantido pelos paradigmas hegemônicos tradicionais, existe resistência para novos caminhos e possibilidades, comprometendo o pensamento livre que a ciência exige. Surge, então, a crise paradigmática, que é a semente para uma transição científica e para a emergência de novos paradigmas.

Os paradigmas emergentes promovem uma abertura de pensamento que possibilita uma reavaliação do materialismo, abrindo espaço para uma possível realidade do homem como um ser espiritual. Essa perspectiva reformula o olhar da psiquiatria sobre os transtornos mentais, pois explica certos fenômenos até então inexplicáveis e, ao mesmo tempo, fornece caminhos terapêuticos antes inexistentes.



O ser como espírito, visto na ciência, também aflora uma mudança paradigmática por si, a criação de um paradigma próprio com os paradigmas emergentes como pano de fundo: o paradigma do espírito. Essa pesquisa se destina a analisar essa caminhada científica, desde os paradigmas científicos tradicionais até a revolução do paradigma espiritual, que pode representar o caminho para o abraço teórico entre a psiquiatria e o espiritismo.

PERCURSO METODOLÓGICO NA REVISÃO QUALITATIVA

A psiquiatria e o espiritismo são repletos de singularidades, estas são avaliadas de forma mais aprofundada, em revisão de literatura, pela pesquisa qualitativa, em consonância ao que pretendemos enquanto pesquisadores. O enfoque qualitativo engloba a complexidade por nós almejada, caracterizada por 'postulados irrenunciáveis' (MARTÍNEZ, 1995, apud BOSI, 2004, p.42), dentre os quais:

[...] a relatividade da observação; a ação do observador sobre a experiência, desconstruindo a crença na neutralidade da ciência; a relação entre a observação e a teoria; a inexistência de uma realidade em si e o lugar das interpretações na construção da(s) realidade(s) [...].

Assim, a construção teórica foi realizada em três fases:



Entendemos como necessária uma revisão epistemológica com vistas a aproximar a psiquiatria ao espiritismo, buscando um diálogo entre ambos, no que diz respeito aos transtornos mentais. Para isso, tratamos do paradigma científico (KUHN, 1998) tradicional e dos paradigmas emergentes, promovendo discussões sobre a área da saúde, saúde mental, espiritualidade e espiritismo.



Avaliamos o paradigma tradicional, newtoniano, cartesiano, materialista e positivista em suas características, observando seus pontos positivos e negativos, e as respectivas consequências advindas dessa forma de fazer ciência. Autores da epistemologia participaram ativamente dessas informações (BACHELARD, 1978; KUHN, 1998; POPPER, 2008).

Posteriormente, abordamos a crise paradigmática mediante as ‘anomalias’ (KUHN, 1998) presentes no paradigma tradicional. Essas ‘anomalias’ serão contrastadas com a emergência de novos paradigmas científicos, como: o quântico, o sistêmico, o holístico, o ecológico e o complexo. Nesse ponto, outros autores se fizeram presentes (CAPRA, 2012a; b; MORAES, 2003; MORIN, 2005; SANTOS, 2002).

Ao refletirmos sobre o processo de transição paradigmática, ressaltamos a relação dessa transição com o objeto de estudo por meio de três temas avaliados de maneira mais aprofundada: a saúde, a saúde mental e a espiritualidade. As construções teóricas sobre esses três temas e os laços que estabelecem com os paradigmas emergentes foram vistos por meio da inclusão de novos autores (BEAUREGARD; O’LEARY, 2010; BENSON, 1998; COLLINS, 2007; GERBER, 2007).

Em sequência, consideramos relevante tratar diretamente do espiritismo e de sua relação com os paradigmas emergentes. O espiritismo foi visto aqui não como religião propriamente, mas, como filosofia e como ciência, pois objetivamos compreendê-lo no tocante à emergência dos paradigmas ascendentes. Alguns autores espíritas de perfil mais científico foram incluídos nessa fração da pesquisa teórica (BALDUINO, 1995; BOZZANO, 2013; CROOKES, 2005; DELANNE, 2009; DELANNE, 2010; FERREIRA, 2001; FERREIRA, 2009; 2011; MENEZES, 2010; NOBRE, 1997; 2012; PALHANO JÚNIOR, 2013; SCHUBERT, 2012).

Ao concluirmos a construção teórica, as informações levantadas serviram de alicerce para o reforço de um novo modelo paradigmático em ascensão: o Paradigma do espírito (VASCONCELOS, 2011).



Ressaltamos que as informações geradas foram analisadas por meio do aspecto **compreensivo/crítico** da pesquisa qualitativa, a qual emprega a adoção das construções intersubjetivas como processo de análise imerso nas relações sociais. Entendemos essas construções como objetos complexos em suas características, como a reflexividade, que é assim descrita por Bosi (p.580): “Reflexividade, entendida como consciência autocrítica em todo o processo da pesquisa garantindo a integração e a operacionalização dialética das distintas etapas, assumindo transcrição, tradução ou ‘coleta de dados’ como problemas teóricos” (BOSI, 2012).

A reflexividade adotada no método de pesquisa nos permitiu trafegar pela literatura epistemológica de forma livre, realizando as interconexões dentro do material trabalhado. Essa caminhada nos levou de uma discussão paradigmática até a emergência do paradigma espiritual, tendo, como pano de fundo, os transtornos psiquiátricos vistos pela perspectiva espírita.

OS PARADIGMAS CIENTÍFICOS VIGENTES

EPISTEMOLOGIA E PARADIGMA CIENTÍFICO

A epistemologia é o ramo da ciência que discute a própria ciência, envolvendo sua teoria e prática. Segundo Tesser (p.92): “Etimologicamente, ‘Epistemologia’ significa discurso (*logos*) sobre a ciência (*episteme*). (*Episteme + logos*). Epistemologia: é a ciência da ciência. Filosofia da ciência” (TESSER, 1994).



A epistemologia evolui com o decorrer do tempo e com as mudanças do pensamento humano. A forma como os fenômenos são observados, a interpretação de suas particularidades e generalidades e a compreensão de suas causas e consequências são segmentos de um mosaico maior que envolve um conceito amplo e multifacetado de como o homem enxerga a natureza e o próprio ser. Esse homem, repleto de dinamismo e descobertas, modifica a sua forma de fazer ciência, assim como modifica a sua compreensão acerca do mundo.

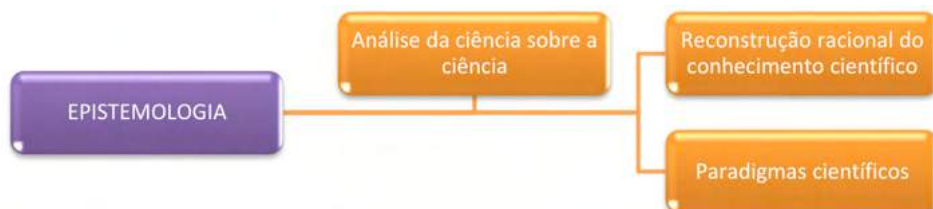
Sobre a epistemologia e sua função (TESSER, 1994):

A tarefa principal da epistemologia consiste na reconstrução racional do conhecimento científico, conhecer, analisar, todo o processo gnosiológico da ciência do ponto de vista lógico, linguístico, sociológico, interdisciplinar, político, filosófico e histórico. O conhecimento científico é provisório, jamais acabado ou definitivo. É sempre tributário de um pano de fundo ideológico, religioso, econômico, político e histórico (p.92).

Para entendermos a ciência e fazermos dela objeto de estudo, precisamos necessariamente de uma estrutura organizada que reúna o conjunto de saberes e ações em um bloco de conhecimento. Bloco tal que serve como fonte geradora àquele que quer utilizar a ciência para compreender e auxiliar a produção da vida social. Esse bloco de conhecimento organizado trata-se do paradigma científico.

Sobre o conceito de paradigma científico (KUHN, 1998):

O termo 'paradigma' é usado em dois sentidos diferentes. De um lado, indica toda constelação de crenças, valores, técnicas, etc.[...], partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada. De outro, denota um tipo de elemento dessa constelação – as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregados como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes dos quebra-cabeças da ciência normal (p.217).



Thomas Kuhn (1998) foi um físico e filósofo americano que estudou profundamente a história e a filosofia da ciência. Muitos anos mais tarde, o antropólogo, sociólogo e filósofo francês Edgar Morin (p.45) contribuiria para o conceito de paradigma científico: “O paradigma é aquilo que está no princípio da construção das teorias, é o núcleo obscuro que orienta os discursos teóricos neste ou naquele sentido” (MORIN, 2005).

Portanto, de acordo com Kuhn (1998) e Morin (2005), o paradigma científico proporciona os elementos necessários para gerar um núcleo hegemônico com uma percepção da natureza, conforme os seus moldes previamente estipulados que pode sustentar uma prática científica direcionada. Dessa forma, são estabelecidos os paradigmas hegemônicos, ou paradigmas vigentes

OS PARADIGMAS VIGENTES

A construção de um paradigma não se faz de forma espontânea ou particular. Corresponde a um trabalho conjunto e longitudinal de muitos pensadores e experimentadores,

os quais concordam, em sua maioria, sobre os caminhos científicos que o homem deve trilhar. Esses caminhos levam, conseqüentemente, a uma corrente de pensamento que, além de tratar sobre a ciência, também revela a própria essência do homem ao transparecer a sua forma de entender os fenômenos naturais.

Sobre a ciência e os cientistas (KUHN, 1998):

Os cientistas não estão constantemente procurando inventar novas teorias; frequentemente mostram-se intolerantes com aquelas inventadas por outros. Em vez disso, a pesquisa científica normal está dirigida para a articulação daqueles fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma (p.44).

Os paradigmas vigentes são, principalmente quatro: newtoniano, materialista, cartesiano e positivista.



O NEWTONIANO

O modelo do paradigma científico newtoniano se ampara no desenvolvimento da física mecânica de Newton, cujas descobertas da dinâmica do movimento e da interação da matéria geraram poder ao homem, permitindo-o a se apropriar de descobertas e privilégios pela manipulação dos elementos materiais. O homem, então, tornou-se capaz de exercer uma influência transformadora sobre a natureza e moldá-la conforme o seu desejo, o que provocou uma corrida pelo progresso de produção baseado na economia e na tecnologia. A natureza ganhava, a partir de então, um dono, o qual a tratava como uma fonte inesgotável de elementos primários para suas manufaturas.

Sobre a hegemonia newtoniana (BACHELARD, 1978):

[...] o racionalismo newtoniano dirigiu toda a Física matemática do século XIX. Os elementos que ele escolheu como fundamentais: espaço absoluto, tempo absoluto, massa absoluta permanecem, em todas as construções, elementos simples e separados, sempre reconhecíveis (p.31).



O MATERIALISTA

O paradigma materialista é o principal paradigma dominante, ainda atual, e é responsável pela formação cultural pela qual a sociedade ocidental se dirigiu, influenciando posteriormente todo o globo. Para Capra (p.30): “Tem sua origem em movimentos revolucionários de significativa importância para a história da civilização, como o Iluminismo e a Revolução Industrial” (CAPRA, 2012b). Tais movimentos são ditos revolucionários porque proporcionaram mudanças do pensar e do agir.

O paradigma materialista traz a ideia de que a inteligência do homem pode descobrir todas as verdades, transformar a natureza da forma que desejar. Para Capra (p.30), esse paradigma traz: “A concepção do universo como um sistema mecânico composto de unidades materiais elementares [...]” (CAPRA, 2012b). O universo, então, pareceria uma máquina, um sistema mecânico, composto por peças que se encaixam e que podem ser desmontadas e remontadas conforme o domínio e a vontade da espécie humana.

MATERIALISMO

- Universo como um sistema mecânico
- Homem como uma máquina
- Ciência materialista: estuda os objetos que impressionam os sentidos

Ainda de acordo com o físico teórico e escritor contemporâneo Capra (2012b), o paradigma vigente é materialista. Os objetos são considerados dignos de estudo principalmente se puderem impressionar os sentidos, mesmo que seja por meio de microscópios ou telescópios. O palpável e o mensurável tornam-se alvos prioritários da ciência tradicional.

O CARTESIANO

René Descartes, filósofo, físico e matemático francês, expoente do pensamento racional, trouxe à ciência o método cartesiano. Seu método inspira o paradigma científico vigente em conjunto com as ideias newtonianas. O método cartesiano é baseado na dúvida e na comprovação daquilo que se cogita. Somente o que for comprovado pode ser acreditado como verdadeiro. Para isso, o método aplica a decomposição das partes que integra o fenômeno com a intenção de compreendê-lo. Logo, deixa-se, em segundo plano, a complexidade das integrações do objeto de estudo, bem como a percepção do todo observado. Para Capra (p.59), o método cartesiano apresenta uma “falácia reducionista”, pois procura reduzir o fenômeno em suas pequenas partes para compreender o seu funcionamento (CAPRA, 2012b).



O POSITIVISTA

Já no século XIX, o filósofo francês Augusto Comte desenvolveu um método científico de cunho filosófico, cuja essência estava na observação: era o positivismo. Esse método afirmava que a ciência deve se preocupar com aquilo que é observável, com o intuito de estudar e compreender as leis gerais que regem o funcionamento das coisas.

Sobre o estado positivo (COMTE, 1978):

No estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude (p.36).

POSITIVISMO

- Observação e raciocínio
- Objeto: apenas aquilo que pode ser observado e estudado
- Busca leis efetivas provadas cientificamente
- Subjetivações e abstrações não interessam

O positivismo passou a fazer parte da ciência de forma bem estabelecida, somando-se aos pensamentos cartesiano e newtoniano em busca de um modelo científico mais preocupado com aquilo que podia ser percebido e estudado diretamente. Logo, as questões mais abstratas e metafísicas ficavam em segundo plano de acordo com o olhar positivista.

CRISE E TRANSIÇÃO DOS PARADIGMAS CIENTÍFICOS

ANOMALIAS CIENTÍFICAS

Os paradigmas cartesiano/newtoniano/positivista floresceram impulsionados pelo próprio desenvolvimento do pensamento racional e fortalecendo o materialismo científico. Avançaram de forma incontestável sobre todas as formas de saber, desde as ciências naturais até as humanas. Durante séculos, foram alimentados pelas novas descobertas e pelas sucessivas conquistas do conhecimento.

Todavia, a percepção sobre os elementos da natureza, como o tempo e o espaço, foram ficando limitadas, pois a visão reducionista também reduzia as respostas. Os paradigmas vigentes defendiam, e defendem, o conceito da natureza como uma máquina formada por peças que se encaixam. Sob essa perspectiva, estudar e experimentar todas as peças dessa máquina basta para alcançar o conhecimento racional completo sobre a natureza, o que não se prova verdade.

A ideia de o paradigma atingir verdades absolutas através da observação cartesiana/newtoniana proporcionou o surgimento de distorções em alguns experimentos. A comunidade científica percebeu, com o tempo, que, apesar de estruturado na lógica e na objetividade, havia perguntas que o paradigma não conseguia responder. Várias distorções apareciam progressivamente em inúmeros campos do saber, o que provocava um incômodo natural em toda a ciência.

Sobre as distorções científicas, também chamadas de anomalias (KUHN, 1998):

[...] a anomalia aparece somente contra o pano de fundo proporcionado pelo paradigma. Quanto maiores forem a precisão e o alcance de um paradigma, tanto mais sensível este será como indicador de anomalias e, conseqüentemente de uma ocasião para a mudança de paradigma (p.91).



Kuhn (1998) refere-se à visibilidade das anomalias como consequência do próprio paradigma. O desenvolvimento contínuo de uma teoria faz com que o seu alcance se amplie, o que deixa esta mesma teoria mais exposta a críticas, divergências e contestações. Por essa forma de pensar, qualquer paradigma científico se encontra comprometido pelo seu próprio crescimento; e pode suscitar a necessidade de uma mudança de curso.

A CRISE

A visão nascente de compreender a verdade como algo relativo, em vez de absoluto, caracteriza a crise do paradigma atual. As perguntas sem respostas geradas pelo paradigma cartesiano não são aceitas pelo próprio paradigma. A falta de certezas solapa a sua estrutura e traz perguntas sobre sua matriz, uma vez que as verdades encontradas não são plenamente absolutas, são usadas para interesses sociais determinados, derivando, assim, resultados parciais ao método científico. Por outro lado, essa falta de certeza não é necessariamente negativa, visto que as divergências são importantes para a construção do pensamento, pois possibilitam contradições construtivas que potencialmente auxiliam uma busca evolutiva.

Sobre o fim de uma ciência pura (MORIN, 2005):

[...] é preciso deixar de sonhar com uma ciência pura, uma ciência libertada de toda ideologia, uma ciência cuja verdade seria tão absoluta como a verdade " $2 + 2 = 4$ ", isto é, uma ciência "verdadeira" de uma vez por todas; pelo contrário, é preciso que haja conflitos de ideias no interior da ciência, e a ciência comporta ideologia (p.150).

Sobre a pluralidade de ideias na ciência (BACHELARD, 1978):

[...] sofremos de uma incapacidade de mobilizar o nosso pensamento. Para termos alguma garantia de termos a mesma opinião acerca de uma ideia particular, é preciso pelo menos que tenhamos tido sobre ela opiniões diferentes. Se dois homens se querem entender verdadeiramente, têm primeiro que se contradizer. A verdade é filha da discussão e não filha da simpatia (p.95).

O filósofo da ciência Karl Popper (2008) contribui sobre esse ponto de vista ao falar sobre o "ídolo da certeza". Esse autor considera que a queda desse ídolo provoca o avanço da ciência. Argumenta também que a ciência não deve jamais perseguir a ilusão da certeza.

Ela deve avançar rumo a um objetivo remoto: o de sempre revelar novos problemas, sendo estes cada vez mais amplos e profundos, provocando respostas provisórias e seguidamente testáveis por sistemas progressivamente mais rigorosos. Deflagra-se a crise paradigmática.



Sobre o fim de uma ciência absoluta (POPPER, 2008):

A base empírica da ciência objetiva nada tem, portanto, de 'absoluto'. A ciência repousa em terra firme. A estrutura de suas teorias levanta-se, por assim dizer, num pântano. Semelha-se a um edifício construído sob pilares. Os pilares são enterrados no pântano, mas não em nenhuma base natural ou dada. Se deixarmos de enterrar mais profundamente esses pilares, não o fazemos por termos alcançado terreno firme. Simplesmente nos detemos quando achamos que os pilares estão suficientemente assentados para sustentar a estrutura – pelo menos por algum tempo (p.58).

A analogia de Popper (2008) permite perceber que a ciência vai modificando perspectivas e apresentando limitações estruturais provocadas pela postura condicionada daqueles que praticam a própria ciência. O vácuo gerado pelas lacunas, que advém de perguntas não respondidas e de resultados não atingidos pelo paradigma cartesiano, foi gerando dúvidas nos pesquisadores. Por conseguinte, estudiosos de diversas áreas do conhecimento começaram a transformar estes limites em novas perguntas mais capciosas que potencialmente ultrapassam o próprio paradigma. Essas pessoas questionavam não apenas a forma como se aplicava o método científico vigente, mas também o método em si.

Sobre uma visão social da ciência (Santos, 2002):

Vivemos, pois, numa sociedade intervalar, uma sociedade de transição paradigmática. Esta condição e o desafio que ela nos coloca fazem apelo a uma racionalidade ativa, porque em trânsito, tolerante, porque desinstalada de certezas paradigmáticas, inquieta, porque movida pelo desassossego que deve, ela própria, potenciar (p.23).

Entendemos que o pensamento cartesiano e positivista, caracterizado pela sua objetividade e busca por respostas absolutas, mostra-se limitado para explicar determinados fenômenos. Esses fenômenos discrepantes demonstram a necessidade de novas perspectivas paradigmáticas, na tentativa de superar os limites da referência cartesiana, gerando uma visão fragmentada que pode falsear a análise e entravar a compreensão de novos objetos ou de novas visões para antigos problemas.

A TRANSIÇÃO

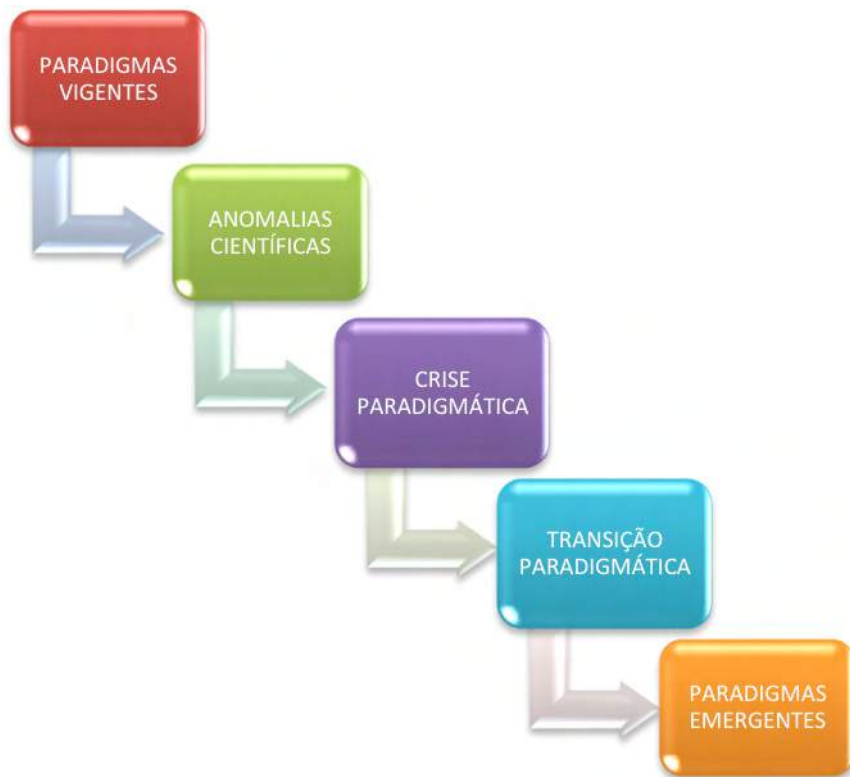
Percebemos que o movimento de discussão dos paradigmas evidencia incongruências provenientes do seu campo de atuação. Caso não houvesse tais incongruências, não seria sensato discutirmos um sistema de produção de saber que está funcionando a contento, por isso a crise paradigmática pode ser percebida como um avanço, e não como um retrocesso. Consideramos, portanto, que a crise paradigmática se trata de uma transformação necessária devido à exigência das novas perguntas ou da ruptura com perspectivas insuficientes para compreender problemas. É preciso que renovemos os instrumentos para atingirmos melhores resultados e modificar o olhar sobre o fazer científico.

Sobre novas correntes de pensamento científico (KUHN, 1998):

Esta concepção, muito corrente, do que ocorre quando os cientistas mudam sua maneira de pensar a respeito de assuntos fundamentais não pode ser nem totalmente errônea, nem ser um simples engano. É antes uma parte essencial de um paradigma iniciado por Descartes e desenvolvido na mesma época que a dinâmica newtoniana. Esse paradigma serviu tanto à Ciência como à Filosofia. Sua exploração, tal como a da própria Dinâmica, produziu uma compreensão fundamental que talvez não pudesse ser alcançada de outra maneira. Mas, como o exemplo da dinâmica newtoniana também indica, até mesmo o mais impressionante sucesso no passado não garante que a crise possa ser postergada indefinidamente. As pesquisas atuais que se desenvolvem em setores da Filosofia, da Psicologia, da Linguística e mesmo da História da Arte, convergem todas para a mesma sugestão: o paradigma tradicional está, de algum modo, equivocado (p.155).

Kuhn (1998) refere que a ciência dita 'normal' não possui o objetivo de investigar novos fenômenos, o que faz com que os limites do paradigma vigente se mantenham estagnados. Para que novos fenômenos sejam observados, ou que fenômenos conhecidos sejam reavaliados, às vezes, é preciso rejeitar referências de um paradigma e abraçar referências de outros paradigmas diferentes. No entanto, essa ruptura paradigmática exige uma racionalidade consciente que envolve conceitos e teorias emergentes, senão vejamos (KUHN, 1998):

A transição de um paradigma em crise para um novo, do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal, está longe de ser um processo cumulativo obtido através de uma articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos de seus métodos e aplicações. Durante o período de transição haverá uma grande coincidência (embora nunca completa) entre os problemas que podem ser resolvidos pelo antigo paradigma e os que podem ser resolvidos pelo novo. Haverá igualmente uma diferença decisiva no tocante aos modos de solucionar os problemas. Completada a transição, os cientistas terão modificado a sua concepção da área de estudos, de seus métodos e de seus objetivos (p.155).



A crise paradigmática se caracteriza pela fragilidade e incompletude dos paradigmas vigentes, lacunas estas que justificam o surgimento de novos métodos de fazer ciência. Logo, como dito previamente, esses métodos não são frutos do acaso, provocados pela simples vontade de combater ou inovar o que já está aceito, eles se originam da própria necessidade científica. E o ambiente dessa transição paradigmática é de conflito, em que se mesclam crenças e práticas hegemônicas com teorias e vislumbres do que está por vir.

OS PARADIGMAS CIENTÍFICOS EMERGENTES

As linhas de pensamento mais modernas que estão modificando a teoria e a prática científica, constituindo novos paradigmas dentro da ciência, são conhecidas como paradigmas emergentes. Dentre estes paradigmas, destacamos: o quântico, o holístico, o sistêmico, o ecológico e o complexo. Por fim, entendemos como relevante acrescentar uma visão sociológica sobre essa temática.



Os paradigmas emergentes estão em ascendência. Desenvolvem-se pela natureza de suas próprias ideias transformadoras e pela amplitude com que aceitam os novos desafios do pensamento e da crítica social. Mesmo com o crescimento contínuo dos novos paradigmas, existe atualmente um misto das visões. Essa transformação ocorre de forma processual, lenta, progressiva, abrindo espaço para muitas discussões e posicionamentos, fazendo sínteses entre o que poderia ser considerado o novo e o velho.



O QUÂNTICO

A possibilidade de mudança do paradigma vigente para uma nova visão da ciência se amparou principalmente através do desenvolvimento no campo da física. As pesquisas em física moderna, com descobertas relevantes sobre o microcosmo e o macrocosmo, bem como do mundo atômico e subatômico, estremeceram as estruturas da física mecânica clássica e proporcionaram um mundo desconhecido de possibilidades. A física newtoniana era ameaçada pela observação de fenômenos que começaram a desafiar as suas leis. Surgia, então, uma nova física, a qual procurava encontrar explicações mais abrangentes, ameaçando a hegemonia da mecânica newtoniana, denominada de **física quântica** (CAPRA, 2012b).

Segundo Capra (2012b), o físico teórico alemão Werner Karl Heisenberg, um dos precursores da física quântica, em seus trabalhos sobre a natureza da matéria, percebeu que, a um nível subatômico, a matéria poderia se comportar ou como energia ou como partícula. Essa descoberta revelou uma espécie de composição dupla da matéria, o que a faria pertencer a duas classes distintas de substâncias e, por conseguinte, desenvolver dois tipos diferentes de comportamento.

Para que a matéria se comporte como partícula ou como energia, depende do observador. Nesse caso, dependendo do 'posicionamento' do observador, o resultado da observação é afetado. Essa percepção incerta da dupla natureza da matéria ficou conhecida como 'Princípio da Incerteza de Heisenberg', o qual promove um fortalecimento da física quântica como ciência e como forma de compreender o funcionamento do universo.



O desenvolvimento da mecânica quântica fomenta a ideia de que muitas das perguntas, sem respostas da mecânica newtoniana, encontravam-se na ausência de um

conhecimento sobre a própria natureza da matéria, o que traz uma imprevisibilidade dos resultados de sua manipulação. A física newtoniana pressupõe uma matéria estável, com uma tendência a experimentações com resultados verificáveis e reproduzíveis. Nesse cenário, poderíamos prever os resultados, os quais seriam determinados e absolutos. Entretanto, os próprios fenômenos naturais se revelaram, em diversas ocasiões, impassíveis de determinação e previsibilidade. Popper (p.136) comenta: “[...] das ruínas do determinismo surgiu o indeterminismo, apoiada no princípio de incerteza, formulado por Heisenberg” (POPPER, 2008).

Popper (p.117) também relata: “é um fato que os interessados pela física quântica andaram participando porfiadamente de discussões epistemológicas” (POPPER, 2008). A física quântica abriu espaço para uma nova forma de pensar e explicar a realidade por meio de novos conceitos sobre a natureza da matéria - princípio da incerteza de Heisenberg- como também por meio do estudo das interconexões entre o complexo partícula/onda e outras questões de natureza paradigmática. Fenômenos desse tipo constroem as certezas da física clássica, desafiando teorias prevalentes e abrindo espaço para o florescimento da física quântica e de outros paradigmas emergentes.

Sobre a teoria quântica e a visão reducionista (CAPRA, 2012a):

No formalismo da teoria quântica, essas relações (entre moléculas e átomos – constituintes das partículas elementares) são expressas em termos de probabilidades, e as probabilidades são determinadas pela dinâmica do sistema todo.

Enquanto que na mecânica clássica as propriedades e o comportamento das partes determinam as do todo, a situação é invertida na mecânica quântica: é o todo que determina o comportamento das partes (p.42).

A física quântica, ao estudar um fenômeno, não se propõe a reduzi-lo em suas partes, mas, em enxergar o fenômeno como um todo. Esse ramo da física percebe as propriedades do fenômeno como unidade multifacetada, estabelecendo as relações que desempenha dentro do seu próprio sistema e com os sistemas adjacentes, considerando seus aspectos aparentes e as variáveis mais minuciosas, como também a relação do observador e o objeto de estudo.

O contraponto da visão do paradigma clássico, em relação aos paradigmas emergentes, fica expresso pela intenção de considerar todo o sistema de inter-relações, e não apenas como um campo que enfatiza relações das partes. Para Moraes (p.23): “A

física quântica oferece a visão da totalidade” (MORAES, 2003). O objeto é avaliado como um ‘todo’, preponderando o aspecto relacional sobre as partes que o compõem, tornando este ‘todo’ o foco do estudo, e não suas segmentações.

O HOLÍSTICO

Em estreita relação com o pensamento quântico está o **pensamento holístico**, sendo eles complementares em suas formas de observar e de interpretar os fenômenos. Podemos falar que o próprio holismo já seria um paradigma científico, em consonância com o paradigma quântico. Para Weil (p.38): “A visão holística é, pois, uma consciência cósmica de natureza transpessoal, transsocial e transplanetária, integrando esses três aspectos numa perspectiva mais ampla” (WEIL, 1989).



A doutora em Educação Maria Cândida Moraes, responsável pela obra – “O Paradigma Educacional Emergente”, demonstra a similitude do holismo e da abordagem quântica ao fazer a seguinte observação (MORAES, 2003):

[...] o cerne do paradigma holístico, da visão quântica, está nos processos criativos que ocorrem no mundo fenomênico, no mundo da natureza. É a visão de que vivemos num universo criativo e estamos todos inseridos num processo criador-criativo natural e prodigioso (p.162).

Dessa forma, segundo a autora, ambos os pensamentos quântico e holístico estabelecem a visão de uma natureza dinâmica, em contínuo estado de interação e transformação. O paradigma quântico e o holístico, desse modo, personificam-se em diversas áreas do conhecimento, podendo ser compreendidos em um conceito maior,

com uma maneira mais ampla de enxergar o universo. E se podemos estabelecer uma percepção quântica e holística em campos científicos, como nas ciências humanas, sociais, exatas etc., podemos vislumbrar conexões entre esses campos. Em qualquer área, tais percepções consideram a interação como seu elemento-chave.

O próprio observador também se insere como objeto de estudo, assumindo dupla função de pesquisador e de pesquisado. Para Morin (2005), a reintrodução do observador na observação é um dos marcos que caracterizam a ciência contemporânea. Soma-se a isso, a aceitação do reconhecimento e do enfrentamento das contradições vistas no sistema observado. Percebemos a diferença dessa recente perspectiva para a ciência clássica, uma vez que para essa ciência as contradições são compreendidas como um sinal de erro do pensamento.

Nesse âmbito de discussões, temos a ênfase nas inter-relações (MORAES, 2003):

A física quântica oferece a visão da totalidade, esclarece a multidimensionalidade do processo educativo, mostrando que o conhecimento decorre dos aspectos inseparáveis e simultâneos que envolvem os aspectos físico, biológico, mental, psicológico, cultural e social. Enfatiza a consciência da inter-relação e a interdependência essencial entre todos os fenômenos da natureza, o que implica a concepção da realidade a ser transformada, a formulação de conceitos e modelos interligados e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de organizações sociais compatíveis com esses princípios (p.23).

Tanto Morin (2005) quanto Moraes (2003) debatem o paradigma quântico sob uma perspectiva educacional, mostrando que esse pensamento que aborda as totalidades e a inter-relação, bem como a interdependência essencial, difunde-se pelos diversos campos do saber. Portanto, o pensamento quântico torna-se uma maneira de perceber o universo e sua dinâmica, assim como perceber o homem e suas relações com os sistemas de organização social.

Morin (2005) menciona que precisamos desenvolver uma sociologia da ciência articulada a uma discussão epistemológica. Refere que a ciência, em desenvolvimento incontrolável, precisa ser interrogada sob todos os ângulos possíveis, considerando a sua história, as suas funções, as suas relações, todos os seus caracteres, seus objetivos e seus efeitos. Nesse sentido, podemos estabelecer uma conexão da ciência em seus diversos campos do saber, assim como a observação sobre a própria ciência em seu aspecto multidimensional e sua utilização no corpo social em certa medida, mas traz também a pergunta política sobre os interesses em jogo no exercício da ciência. Essa observação do todo científico é compatível com o pensamento quântico e holístico.

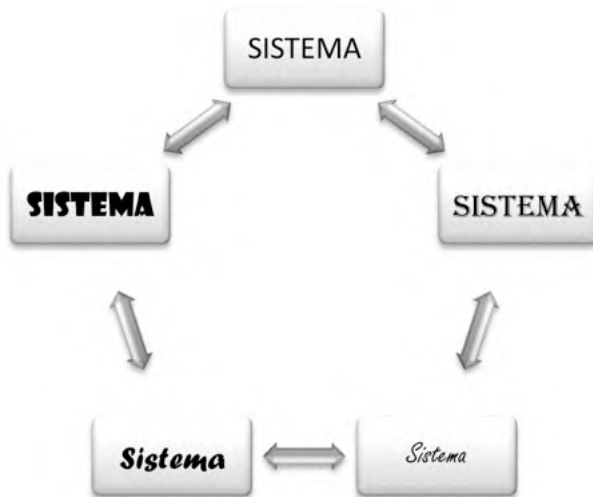
O SISTÊMICO

Quando tratamos da perspectiva que privilegia o todo em relação às partes, outra abordagem precisa ser mencionada: **a sistêmica**. Corresponde a este aspecto de perceber os fenômenos a partir de uma perspectiva maior, procurando não os reduzir em frações constituintes, mas, ampliá-lo pela consideração de seu conjunto geral e suas relações intrínsecas e extrínsecas. Na abordagem sistêmica, o foco de estudo é o sistema, composto pela integração de todas as suas partes, além de suas relações com os outros sistemas. A visão sistêmica concentra seus esforços nas partes de um único sistema, considerando o sistema completo e seus adjacentes em inter-relações observáveis.

Sobre a abordagem sistêmica (CAPRA, 2012a):

O que torna possível converter a abordagem sistêmica numa ciência é a descoberta de que há conhecimento aproximado. Essa intuição é de importância decisiva para toda a ciência moderna. O velho paradigma baseia-se na crença cartesiana na certeza do conhecimento científico. No novo paradigma, é reconhecido que todas as concepções e todas as teorias científicas são limitadas e aproximadas. A ciência nunca pode fornecer uma compreensão completa e definitiva (p.49).

A percepção ampliada do fenômeno provoca uma maior complexidade do estudo, exigindo-nos uma postura mais aberta para uma intervenção na busca de resultados, uma vez que as múltiplas variáveis inerentes ao complexo 'pesquisador-pesquisa' encaminham o processo para um número considerável de possibilidades. Diferente da ciência clássica, a ciência baseada no pensamento quântico e sistêmico considera as possibilidades como fonte de conhecimento.



O sistema é um objeto de estudo bastante complexo, o qual não permite um determinismo fechado ou parado durante a observação científica, uma vez que não pode ser limitado ou segmentado devido à sua constante dinâmica entre elementos do próprio sistema e na relação com outros sistemas. Logo, a visão sistêmica convencionou uma forma de estudar e compreender os fenômenos, aceitando o dinamismo das trocas e trabalhando com o conjunto de prováveis resultados em um campo relacional.

O ECOLÓGICO

Em outra face da questão, Capra (p.40) observa: “[...] a excessiva ênfase no método científico e no pensamento racional, analítico, levou a atitudes profundamente antiecológicas” (CAPRA, 2012b). O autor menciona que a compreensão dos ecossistemas é dificultada pela própria essência da mente racional, a qual estabelece objetivos centrados em respostas exatas e imutáveis. Os ecossistemas sustentam-se em um equilíbrio dinâmico, baseado em ciclos e flutuações. Para uma melhor abordagem dos ecossistemas, deveríamos considerar uma ‘**consciência ecológica**’, a qual surgirá, segundo Capra (p.40): “quando aliarmos ao nosso conhecimento racional uma intuição da natureza não linear de nosso meio ambiente” (CAPRA, 2012b).

O quadro atual da relação homem-natureza nos sugere que ambos não se entendem, estabelecendo uma interação desarmônica, que pode levar um à destruição do outro. O meio ambiente, em processo de transformação contínua, reage aos estímulos humanos de forma natural, de acordo com a sua capacidade de adaptação e motivação para promover o equilíbrio.

Conforme o estímulo promovido pelo homem em busca de uma produção em massa, diante de suas necessidades mercadológicas, o impacto que o meio ambiente sofre pressiona em direção a mudanças nesse meio. Esse movimento pode proporcionar certas

reações naturais desagradáveis à espécie humana, como o aquecimento global, o aumento do volume dos oceanos, a redução das fontes de alimentos animais e vegetais, a poluição concentrada em áreas urbanas, entre outros.



O paradigma vigente materialista seria reducionista, por privilegiar uma visão parcial de acordo com a vontade do observador, desconsiderando o sistema como um todo e permitindo discrepâncias nas relações dos seus componentes. A ação exploratória dos recursos naturais promovida pelo modelo socioeconômico vigente geraria uma desigualdade na interação do homem com o meio, o que tem provocado um desequilíbrio no sistema planetário de consequências nocivas para todas as partes envolvidas.

Sobre uma nova consciência de cooperação (MORAES, 2003):

Essa nova forma de perceber e compreender a vida e os fenômenos físicos a ela relacionados implica a compreensão do ser humano e do mundo de uma forma diferente, baseada em uma nova consciência. Se tudo está relacionado, faz parte de uma mesma trama, por que competir, consumir, explorar e dominar? Em vez de competir, é preciso cooperar; no lugar de consumir, é necessário conservar. Da quantidade, preserva-se a qualidade. A dominação transmuta-se em parceria (p.172).

Devemos, portanto, buscar um equilíbrio relativo, mesmo ante contradições em movimento, considerando que as forças que interagem formam o complexo homem-natureza que constitui a teia da vida (CAPRA, 2012a). Devido a isso, torna-se relevante buscarmos uma nova forma de estabelecer uma relação com a natureza, considerando suas potencialidades e limitações. Essa forma de pensar associa-se à visão dos paradigmas

quântico e sistêmico, os quais, por consequência, também são ecológicos. Capra (p.40) comenta a similaridade e interação do pensamento ecológico, quântico e sistêmico com a seguinte observação: “a consciência ecológica somente surgirá quando aliarmos ao nosso conhecimento racional uma intuição da natureza não linear de nosso meio ambiente” (CAPRA, 2012b).

O COMPLEXO

Sobrepondo-se a integração entre os pensamentos emergentes e a consciência ecológica, Morin (2005) refere-se ainda a outro princípio, o da ‘**complexidade**’. Para este autor (p.138): “É preciso um paradigma de complexidade, que, ao mesmo tempo, separe e associe, que conceba os níveis de emergência da realidade sem os reduzir às unidades elementares e às leis gerais” (MORIN, 2005). Esse princípio constitui um paradigma que concebe a realidade sem reduzi-la às partes elementares. Contrapõe-se ao que Morin (p.138) chama de princípio de simplificação, presente no paradigma cartesiano, reconhecido por este autor como: “[...] insuficiente e mutilante” (MORIN, 2005).

O paradigma da complexidade traduz uma tendência quântica, holística, sistêmica e ecológica de estudar e compreender o universo como um sistema aberto, rico de interações e variáveis em seus movimentos, o que vai afastando o investigador da fragmentação e da redução absolutas, como também de um estudo puramente lógico do real. A realidade comporta-se de forma dinâmica e interage incessantemente através de seus múltiplos componentes, provocando-nos a pensar na ciência como uma ciência necessariamente aberta ao movimento e complexa em suas interações.

Morin (2005) refere-se à ‘verdade’ como algo frágil, sendo ‘ela’ uma das maiores descobertas do espírito humano. Esse autor relata que se pode duvidar de todas as verdades estabelecidas e que esse é o caminho da ciência. Contudo, ele alerta que essa atitude apresenta um alto teor de complexidade, pois é preciso não ser absolutista inclusive na tendência à falta de absolutismo.

Morin comenta (p.153): “[...] a proposição ‘não existe verdade’ é, de fato, uma metaverdade sobre a ausência de verdade; e é metaverdade que tem o mesmo caráter dogmático e absoluto que as verdades condenadas em nome do ceticismo” (MORIN, 2005). Ou seja, para Morin, mesmo que nós acreditemos que não existe uma verdade absoluta, não podemos afirmar que não existe verdade, pois esta afirmação já seria uma forma de verdade ‘absolutizada’, que é justamente o que o paradigma da complexidade contrapõe. Finalmente, entendemos que a verdade é algo complexo, como propõe o paradigma da complexidade, e não pode ou deve ser simplificado.



Sobre o paradigma sistêmico, Morin (2005) comenta que somente em um nível de complexidade virtual, a sistêmica poderia desabrochar para uma nova organização do pensamento e da ação. Essa nova organização deveria ser complexa, pautada não no domínio da natureza, mas no ‘domínio do domínio’. Essa visão implica o observador no processo, e abre margem para o necessário trabalho de autoconsciência e autocontrole dentro do fazer científico.

Sobre o paradigma da complexidade e os paradigmas emergentes (MORIN, 2005):

O paradigma da complexidade aprofunda a visão sobre os paradigmas emergentes. Ele defende a ideia de que as correntes ideológicas recentes não afetam o paradigma reducionista se permanecerem apenas na esfera teórica. Cita, por exemplo, a possibilidade de o holismo ser uma nova forma de praticar o reducionismo, pois, caso não compreendido, pode provocar a redução da observação ao todo, sendo este todo uma porção limitada daquilo que poderia ser observado. Nesse caso, o holismo em nada acrescentaria ao que já vêm sendo feito há séculos na ciência tradicional (p.275).

Este mesmo autor ainda busca ampliar a perspectiva sobre as correntes de pensamento emergentes, ao compreender a sua complexidade intrínseca, não apenas relacionada ao modo como se vê o objeto de estudo, mas ao próprio modo de ver. Segundo o princípio da complexidade, o pesquisador está fortemente inserido no processo, sendo

parte do sistema de observação e influenciando ativamente os resultados.

A temática sobre os paradigmas emergentes nos conduz a um conjunto de novas percepções e interpretações sobre o universo e a ciência. Observamos diferentes correntes de pensamento, provenientes de distintos campos do saber, mas que possuem similaridades em suas concepções e formas de agir. O paradigma quântico, o holístico, o sistêmico, o ecológico e o da complexidade em conjunto são os paradigmas emergentes, os quais se originam da curiosidade humana, motivando a pensarmos em complexidades, em inter-relações e no todo em evolução.



Os paradigmas emergentes dialogam entre si e se tornam complementares em muitas questões essenciais. Formam, dessa maneira, um bloco forte que se apresenta como proposta para uma nova perspectiva do homem sobre si mesmo e o meio que o cerca. A transição entre o paradigma clássico e os paradigmas emergentes consolida-se com o fortalecimento de suas teorias individuais e agrupadas.

A física quântica ganha espaço com novas pesquisas, a abordagem sistêmica invade as ciências humanas e sociais, a holística aprofunda questões transpessoais, e a ecologia impõe-se de forma necessária à manutenção da vida. Entretanto, como disse Morin (p22): “a evolução do conhecimento científico não é unicamente de crescimento e de extensão do saber, mas também de transformações, de rupturas, de passagem de uma teoria para outra” (MORIN, 2005). Então, entendemos que o conceito de crise paradigmática se explica no momento conturbado da ciência atual, com diversas correntes de pensamento divergentes e conflitantes.

Velhos paradigmas e os valores que lhes são subjacentes dificilmente morrem. Resistem o quanto podem à autodestruição, porque dependem do ser humano com sua natureza extremamente conservadora. Dependem, também, do surgimento de novas lideranças promotoras de novos questionamentos. Mas uma liderança comprometida com os novos tempos, com a transformação cultural que inclui mudanças organizacionais necessárias. Uma liderança com consciência, conhecimento e compreensão dos conceitos envolvidos no novo paradigma, comprometida e motivada para provocar mudanças, com a habilidade e competência necessárias para a realização das transformações requeridas pela nova reengenharia do trabalho, em qualquer que seja o ambiente organizacional (MORAES, 2003, p.132).

UMA VISÃO SOCIOLÓGICA

Do ponto de vista da sociologia, entendemos que esse saber proporcionado pelos novos paradigmas foi reforçado no Fórum Social Mundial, do ano de 2004, pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, professor de sociologia da Universidade de Coimbra. Santos toca na possibilidade de uma maior abrangência na forma de entender e praticar ciência através da *sociologia das ausências* e da *ecologia dos saberes*.

Sobre a sociologia das ausências (Santos, 2005):

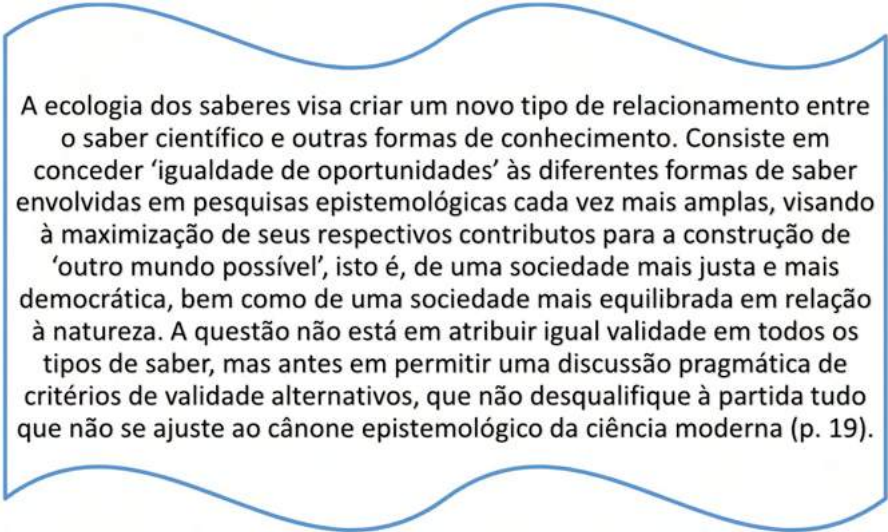
A sociologia das ausências é uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe. O seu objeto empírico é considerado impossível à luz das ciências sociais convencionais, pelo que a sua simples formulação representa já uma ruptura com elas. O objetivo da sociologia das ausências é transformar objetos impossíveis em possíveis, objetos ausentes em presentes (p.14).

Estudar aquilo que não é visto, por ser ativamente produzido, socialmente é aceitar a sua possibilidade como existência e valor. E aceitar a possibilidade, ao contrário de rejeitar aquilo que é desconhecido, vai ao encontro da ideologia dos novos paradigmas. Não explorar os saberes invisibilizados e excluir a justiça social da pauta da ciência é deixá-los de fora do cenário científico, perdendo a decente oportunidade de um fazer científico justo.

O material excluído ou ausente das pesquisas e suas experimentações científicas crescem como paradigma submerso, envolvidos em sua dinamicidade e poder de alcance. Quando aceitamos esse material estamos acolhendo a diversidade de experiências humanas. Quando tornamos esse objeto invisibilizado em objeto de estudo, estamos ampliando as perspectivas e permitindo a discussão do novo na experiência social.

A sociologia das ausências de Santos (2005) trata exatamente dessa maior amplitude de visão a partir de objetos tido como impossíveis. A riqueza está em creditar valor a algo, antes não reconhecido pelo pensamento hegemônico, permitindo que o estudo não reconhecido cientificamente/culturalmente possa alimentar de saber o pesquisador e gerar mais conhecimento.

Sobre a ecologia dos saberes (Santos, 2005):



A ecologia dos saberes visa criar um novo tipo de relacionamento entre o saber científico e outras formas de conhecimento. Consiste em conceder 'igualdade de oportunidades' às diferentes formas de saber envolvidas em pesquisas epistemológicas cada vez mais amplas, visando à maximização de seus respectivos contributos para a construção de 'outro mundo possível', isto é, de uma sociedade mais justa e mais democrática, bem como de uma sociedade mais equilibrada em relação à natureza. A questão não está em atribuir igual validade em todos os tipos de saber, mas antes em permitir uma discussão pragmática de critérios de validade alternativos, que não desqualifique à partida tudo que não se ajuste ao cânone epistemológico da ciência moderna (p. 19).

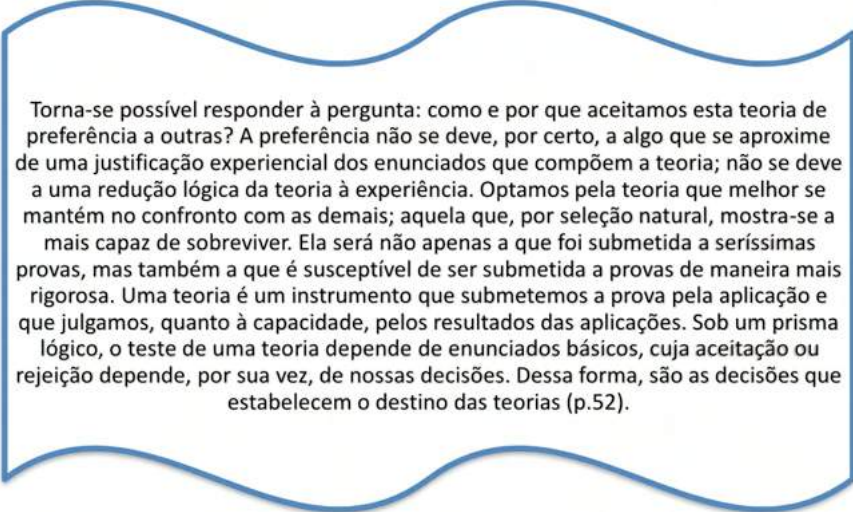
A ecologia dos saberes, outro conceito de Santos (2005), trata que todos os saberes são incompletos, ou parcialmente ignorantes, se comparados e confrontados com outros saberes. Esse pensamento é válido quando lidamos com conhecimentos científicos e não científicos, uma vez que a delimitação do que é científico é arbitrária e particular, conforme as crenças do campo científico hegemônico. O relacionamento gerado entre os diferentes saberes possibilita uma maximização do conhecimento, o que gera uma democratização da ciência e um maior equilíbrio na forma de entender a natureza e a justiça cognitiva.

Quando aceitamos e estudamos saberes não científicos não estamos lhes atribuindo valor irresponsavelmente. O conhecimento deve estar sempre pautado em razões, experiências e bom-senso, logo, ao estudarmos objetos invisibilizados, estamos aceitando sua possibilidade sem necessariamente creditarmos sua veracidade de forma arbitrária.

Cogitamos que é preciso ver a ciência como uma organização apartidária, desprovida de interesses particulares e munida do desejo do bem comum. A vontade pessoal não pode

imperar diante dos fatos e das evidências. Nesse contexto, apresentamos os paradigmas emergentes como forma de visibilizar a experiência social em curso, de produção de saberes invisibilizados, mas também inconclusos.

Sobre qual teoria científica escolher (POPPER, 2008):

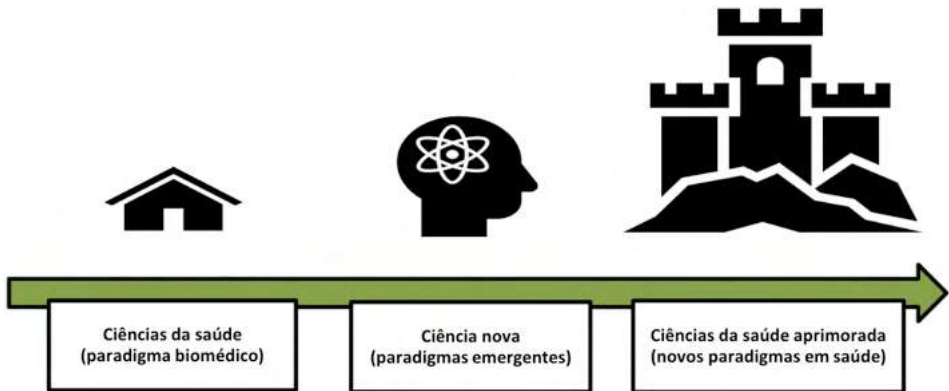


Torna-se possível responder à pergunta: como e por que aceitamos esta teoria de preferência a outras? A preferência não se deve, por certo, a algo que se aproxime de uma justificação experiencial dos enunciados que compõem a teoria; não se deve a uma redução lógica da teoria à experiência. Optamos pela teoria que melhor se mantém no confronto com as demais; aquela que, por seleção natural, mostra-se a mais capaz de sobreviver. Ela será não apenas a que foi submetida a seríssimas provas, mas também a que é susceptível de ser submetida a provas de maneira mais rigorosa. Uma teoria é um instrumento que submetemos a prova pela aplicação e que julgamos, quanto à capacidade, pelos resultados das aplicações. Sob um prisma lógico, o teste de uma teoria depende de enunciados básicos, cuja aceitação ou rejeição depende, por sua vez, de nossas decisões. Dessa forma, são as decisões que estabelecem o destino das teorias (p.52).

A citação de Popper (2008) expressa, de forma contundente, os caminhos que a ciência deve tomar para aprimorar sua própria transformação. Precisa manter-se em constante análise e testagem. Precisa estar sempre em reavaliação por meio da humildade de seus elaboradores de refazer as mesmas perguntas e voltar atrás quando necessário. Precisa ser julgada com abertura para reposicionamentos, tanto retrocessos quanto avanços. Precisa ‘pensar o pensamento’ científico e ver a quem e a que serve.

NOVOS PARADIGMAS EM SAÚDE E ESPIRITUALIDADE

Os paradigmas emergentes - quântico, sistêmico, holístico, ecológico e complexo - permeiam os diversos campos da ciência, desde as exatas, como a física e a matemática, até as humanas, como a sociologia e a filosofia. Parece-nos natural que essas novas referências também se façam presentes na área da biologia e da saúde. Percebemos, nos últimos tempos, que esses ramos progredem para um sentido diferente do costumeiro, iniciando uma tendência a uma forma contemporânea (e emergente) de observação, experimentação e interpretação dos fenômenos do organismo humano e do corpo social em inter-relação.



Pretendemos, por conseguinte, estabelecer uma “costura”, uma análise da relação entre os novos paradigmas, a saúde e a espiritualidade, de acordo com os tópicos seguintes:

- O Paradigma Biomédico
- O Processo de Transição
- O Ser Humano além da Matéria
- Um Breve Olhar Espírita
- Terapias Energéticas
- A Espiritualidade e os Cuidados em Saúde

O PARADIGMA BIOMÉDICO

As áreas da biologia e da saúde ainda estão dominadas pelo paradigma biomédico, o qual se baseia principalmente nos paradigmas hegemônicos ainda vigentes – newtoniano, materialista, cartesiano e positivista. Esse modelo paradigmático das ciências da saúde,

durante os últimos séculos, foi responsável por avanços inquestionáveis nos métodos de compreensão e cura dos doentes. Ele foi a base para o florescer de uma medicina investigativa, potencialmente resolutive, e incessante em buscar novas soluções para as moléstias que afligem a coletividade, em que pese as contradições de interesse em sua pesquisa e função social.

Por meio da ciência clássica, as pesquisas feitas pela saúde haviam iniciado uma nova perspectiva sobre o corpo humano como objeto de estudo. Este objeto foi sendo desvendado em seus mistérios durante o transcorrer do tempo. A anatomia identificava e classificava as macroestruturas; a histologia explorava o universo dos tecidos e células das microestruturas; a fisiologia buscava conhecer o funcionamento dos órgãos e sistemas; a patologia identificava o erro responsável pelas alterações do funcionamento e a clínica integrava essas ciências para uma ação diretiva em prol de uma reabilitação do organismo enfermo (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017).



Muitos avanços foram conquistados por meio do enfoque do paradigma clássico sob as ações de saúde. Todavia, como em outros campos do saber, as ciências da saúde encontraram obstáculos e dificuldades em seu caminho de realizações. Perguntas antigas permaneceram sem respostas e novas perguntas mais complexas foram surgindo (CAPRA, 2012b):

A concepção de Descartes sobre organismos vivos teve uma influência decisiva no desenvolvimento das ciências humanas. A cuidadosa descrição dos mecanismos que compõem os organismos vivos tem sido a principal tarefa dos biólogos, médicos e psicólogos nos últimos trezentos anos. A abordagem cartesiana foi coroada de êxito, especialmente na biologia, mas também limitou as direções da pesquisa científica. O problema é que os cientistas encorajados por seus êxitos em tratar os organismos vivos como máquinas, passaram a acreditar que estes nada mais são do que máquinas. As consequências adversas dessa falácia reducionista tornaram-se especialmente evidentes na Medicina, em que a adesão ao modelo cartesiano do corpo humano como um mecanismo de relógio impediu os médicos de compreender muitas das mais importantes enfermidades da atualidade (p.59).

Muitas moléstias da atualidade, algumas sem explicações biológicas, ou com explicações parciais e incompletas, assombram os enfermos devido à incapacidade de melhores respostas da prática médica clássica. Evidências mostram que separar o organismo em suas partes constituintes e tentar compreender cada parte individualmente, como peças de um relógio, não traduz a complexa realidade do corpo humano. Tampouco, uma visão demasiadamente objetiva e pragmática proporciona as teorias necessárias para uma abordagem mais aberta e capaz de gerar novas possibilidades de tratamento (CAPRA, 2012b).

O PROCESSO DE TRANSIÇÃO

As limitações que os pesquisadores da saúde encontram, em seus estudos cartesianos, estão relacionadas com a necessidade de uma concretude em tudo que é observado. Nos paradigmas vigentes, tudo que escapa a sensopercepção do homem é descartado. Para Popper (p.153): “O avanço da ciência não se deve ao fato de se acumularem ao longo do tempo mais e mais experiências perceptuais. Nem se deve ao fato de estarmos fazendo uso cada vez melhor de nossos sentidos” (POPPER, 2008).

Sabemos que a natureza das substâncias demonstra um conjunto de fenômenos que está muito além do que os sentidos podem detectar, como os micro-organismos, as partículas atômicas e subatômicas e o eletromagnetismo. Popper (2008) refere que a ciência não pode se fechar com os limites das experiências sensoriais ou com as interpretações provenientes destas. Portanto, parece-nos importante abordar o processo de mudança das ciências biológicas e da saúde em meio a chegada dos novos paradigmas.

A ciência evolui através de certos riscos. Buscamos novamente Popper (p.153): “[...] ideias arriscadas, antecipações injustificadas, pensamento especulativo são os únicos meios de que podemos lançar mão para interpretar a natureza: são meios necessários para o avanço da ciência” (POPPER, 2008). O autor acrescenta, ainda, que aqueles que não

se arriscarem através desses meios, estarão excluídos do jogo científico. Entendemos que esse raciocínio também é válido para as ciências da saúde.

Quando o objetivo de uma pesquisa abre espaço para uma visão mais ampla, geram-se possibilidades que contemplam um universo de ideias que engloba teorias, as quais sobrepujam o que é conhecido como saber científico. Bachelard (p.106) comenta que: “[...] é preciso sempre vir a aceitar a experiência da probabilidade. Há lugar para um positivismo do provável, para dizer a verdade, bastante difícil de situar entre o positivismo da experiência e o positivismo da razão” (BACHELARD, 1978). Nesse contexto, consideramos que a aceitação da ideia de campo de ‘probabilidade’, como instrumento de investigação científica provoca uma revolução na própria ciência, incluindo as ciências da saúde.

Sobre o processo de transição científica (BACHELARD, 1978):

[...] não há, pois, transição entre o sistema de Newton e o sistema de Einstein. Não se vai do primeiro ao segundo acumulando conhecimentos, redobrando de cuidado nas medidas, retificando ligeiramente os princípios. Pelo contrário, é preciso um esforço de novidade total (p.123).

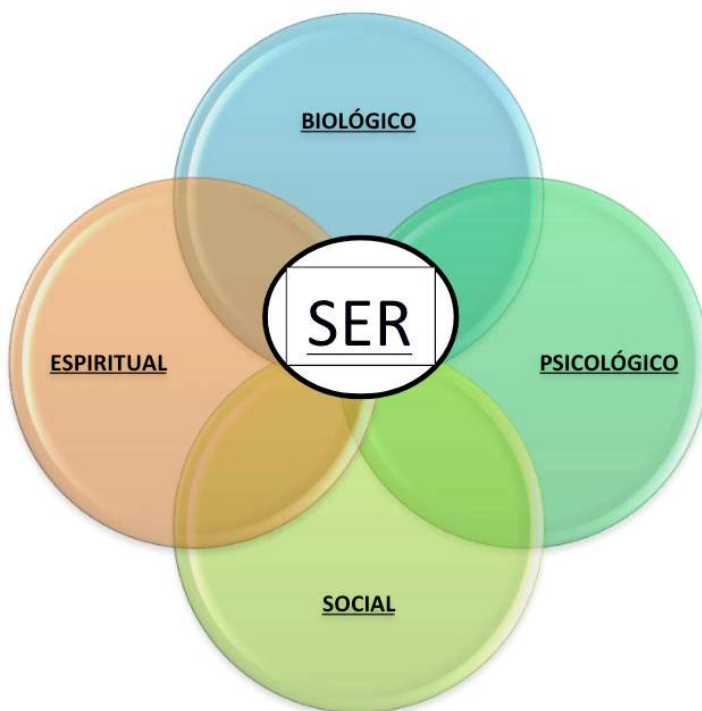
Bachelard (p.131): comenta: “[...] se lançar uma vista geral sobre as relações epistemológicas da ciência física contemporânea e da ciência newtoniana, vê-se que não há desenvolvimento das antigas doutrinas para as novas, mas muito antes envolvimento dos antigos pensamentos pelos novos” (BACHELARD, 1978). Percebemos, por conseguinte, que para ampliar as possibilidades de investigação das ciências biológicas e da saúde, é preciso sair de uma concepção materialista que pressupõe segregação e dualidade entre o observador e observado, como também produz uma hegemonia do pensamento que exclui outros submersos e submetidos.

Para Moraes (p.210): “Estamos caminhando em direção a uma Era das Relações, que envolve a unicidade com o real, com o eu, a integração do homem com a natureza [...]” (MORAES, 2003). As ciências biológicas, ao estudar o mundo vivo, observam uma forte tendência para a associação, a fim de estabelecer vínculos e relações de interdependência. Ao perceber a realidade dos sistemas vivos, sejam em suas relações com o ambiente ou entre si, consideramos relevante redimensionar a visão sobre a saúde mediante a emergência dos novos paradigmas. Logo, há um processo de um processo de mudança proporcionada pelos limites da forma clássica de fazer ciência, e a abertura para uma nova forma complexa de pensar que se estabelece em meio às diversas áreas do conhecimento, incluindo a área da saúde.

O SER HUMANO ALÉM DA MATÉRIA

Segundo Moraes (p.167): “O paradigma emergente focaliza o indivíduo como um hólón, um todo constituído de corpo, mente, sentimento e espírito” (MORAES, 2003). Os paradigmas emergentes trazem um novo conceito do ser ao enxergá-lo de forma multidimensional, em crescimento constante de suas múltiplas inteligências, proporcionado pelas interações de seus aspectos intrapessoais e relacionais. O homem, sob o ponto de vista da autora, seria um ser individual e plural, cerebral e psicológico, material e espiritual. Avaliar sua saúde por uma só perspectiva, parece-nos que diminui esse homem, limita a compreensão de sua estrutura, compromete o resultado de qualquer estudo que tenha a pretensão de abordá-lo. Entendemos, portanto, ser necessária uma perspectiva abrangente ao abordar o estudo do ser e da saúde humana.

As práticas de saúde, segundo os paradigmas emergentes, são provenientes de um ponto de partida qualitativamente diferenciado. Entender a saúde em um conceito ampliado envolve enxergarmos todos os seus aspectos, não apenas procurando o defeito anatômico ou a disfunção fisiológica. Significa percebermos costumes, crenças e atividades, observando o homem em seu meio, registrando relações que estabelecem com o ambiente e com a comunidade, onde se insere. Os contextos social, cultural, psicológico e espiritual tornam-se ambiências fundamentais para uma compreensão ampliada do humano visto através dos novos paradigmas.



Segundo o médico e pesquisador americano Richard Gerber, autor do livro Medicina Vibracional (GERBER, 2007):

Se os médicos compreendessem que os bloqueios emocionais e espirituais são indiretamente responsáveis por várias disfunções nos órgãos do corpo físico, seria possível dar mais atenção às necessidades psicoterapêuticas dos pacientes e não apenas aos aspectos farmacológicos e cirúrgicos do tratamento (p.323).

Gerber (2007) defende uma nova postura para a medicina e para os médicos, em acordo com essa visão ascendente neoparadigmática. Considerar os aspectos emocionais e espirituais como potenciais fatores etiológicos de doenças representam novas compreensões para o campo da saúde. Essa tendência caminha de forma tímida, em meio à preponderância de uma ciência biomédica que, contudo, mostra-se em expansão ao serem considerados lugares de superação de seus limites, como as doenças psicossomáticas, a Psicologia Transpessoal e a ciência espírita.

A Medicina, proposta por Gerber (2007), ancora-se na compreensão do homem como ser energético. Ao considerar que a matéria possui uma dupla natureza, denominada partícula-onda, que pode se comportar ora como partícula, ora como onda, tornando razoável pensar que o homem também possui, como ser energético, essa característica. O autor defende que, por sermos energia, qualquer abordagem em saúde precisa considerar esse aspecto.

Gerber (p.323) afirma: “[...] através da percepção de que os seres humanos são constituídos de energia, podemos começar a compreender novos pontos de vista a respeito da saúde e da doença” (GERBER, 2007). De acordo com a visão do homem como ser energético, o autor citado faz referência a um conjunto de campos energéticos que envolvem o ser, os quais são denominados de corpos sutis. O primeiro corpo sutil seria o ‘corpo etérico’, sendo este o mais perceptível campo energético, pela sua ligação próxima ao corpo físico e pela sua estreita relação com a saúde.



Gerber (p.47) define: “Na literatura metafísica esse campo de energia que circunda e impregna os sistemas vivos recebe o nome de ‘corpo etérico’. É dito que o corpo etérico é um dos muitos corpos que contribuem para a expressão final da forma humana” (GERBER, 2007). Paralelamente, o autor comenta (p.110): “Na sua expressão total, o corpo etérico é um molde energético que nutre e energiza todos os aspectos do corpo físico” (GERBER, 2007).

Uma compreensão aprofundada de como o corpo etérico se relaciona com as doenças e com a saúde poderá proporcionar novos meios de abordar as patologias já instaladas, ou mesmo preveni-las. Essa aplicabilidade diferenciada viabiliza um novo foco de ação em prol de uma reabilitação orgânica. O novo foco seria o corpo etérico, ou outros corpos sutis, os quais poderiam fornecer formas de superar os dogmas convencionais sobre as práticas de saúde vigentes.

Sobre o corpo etérico (GERBER, 2007):

A estruturação anormal do molde etérico acarreta inevitavelmente alterações destrutivas no corpo físico em nível celular. Portanto, as doenças físicas podem se manifestar primeiramente no nível etérico antes que as alterações físicas celulares tenham sequer se iniciado. [...] Tomando como base essa suposição, uma medicina verdadeiramente preventiva se basearia na análise das alterações funcionais do corpo etérico antes que elas se manifestem na forma de doenças físicas. A medicina só seguirá nessa direção quando a ciência tiver desenvolvido instrumentos de diagnóstico satisfatórios, que permitam aos médicos observar e identificar com precisão as alterações do corpo etérico (p.68).

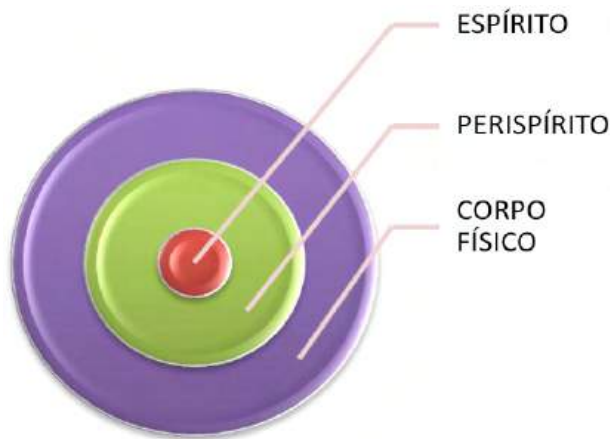
Para a medicina vibracional, uma anormalidade na estrutura do molde etérico pode provocar alterações destrutivas no corpo físico. Muitas doenças, que são conhecidas por suas manifestações no organismo, podem se manifestar previamente no corpo etérico. Dessa forma, sob um prisma energético, os métodos diagnósticos da medicina tradicional identificariam muitas doenças de forma tardia.

Para uma prática médica verdadeiramente preventiva, suponhamos que seja fundamental uma abordagem nos campos energéticos sutis do ser. A questão, sob esse ângulo, provoca uma necessidade de métodos diagnósticos sob os campos energéticos sutis, bem como técnicas terapêuticas que possam ser aplicadas nesses campos de forma precoce, antes mesmo de a doença se manifestar no corpo físico (GERBER, 2007).

Sob outro ponto de vista, quando a doença já está instalada no corpo físico, vislumbramos a possibilidade de também aplicar o tratamento no corpo etérico, ou nos campos energéticos de forma geral, em vez de concentrar esforços apenas nas alterações orgânicas. Pressupomos que a doença física possa ser estacionada, e até remitida, se uma ação energética for bem sucedida.

UM BREVE OLHAR ESPÍRITA

Nesse ponto, fazemos um paralelo com a ciência espírita, no que trata como uma relação analógica entre os campos energéticos sutis e o conceito espírita de perispírito. Segundo Kardec (p.74): “Como o gérmen de um fruto está envolto pelo perisperma, assim também o espírito, propriamente dito, reveste-se de um invólucro que, por comparação, pode-se chamar de perispírito” (KARDEC, 2008).



Considerando a possibilidade de que os campos energéticos sutis correspondam à mesma estrutura que a ciência espírita denomina como perispírito, então esta estrutura possuiria as mesmas propriedades já descritas para os campos energéticos, constituindo, portanto, alvo terapêutico para as ciências médicas em desenvolvimento. Essa possibilidade será avaliada à frente.

A compreensão energética e vibracional aplicada à saúde possui uma correlação com uma visão oriental milenar e também se correlaciona com a perspectiva espírita sobre canais de energia, que hipoteticamente percorrem o corpo e se concentram em determinadas regiões, conhecidos como *chakras* (NOBRE, 2012). Estes canais possuem propriedades particulares e formas diferentes de interagir com os órgãos e sistemas. Quando há uma harmonia na relação entre a energia dos *chakras* e as conexões com os órgãos e sistemas, evidenciamos uma maior probabilidade de a saúde estar em equilíbrio. De forma contrária, quando há desarmonia nessa relação, pode haver um prejuízo tanto energético quanto físico.

TERAPIAS ENERGÉTICAS

Atualmente, embora seja necessário recorrer aos tratamentos médicos convencionais para lidar com as manifestações físicas das enfermidades, as terapias vibracionais frequentemente podem ser consideradas exequíveis. As diversas terapias energéticas sutis atuam nos níveis dos *chakras* e corpos sutis para ajudar a restaurar o equilíbrio energético. A falta de conhecimento dos médicos a respeito dos *chakras* e dos corpos sutis impede muitos clínicos de declinarem para o grande potencial dos remédios vibracionais, os quais atuam sobre os campos energéticos, por exemplo: essências florais, elixires de pedras preciosas, cristais e cromoterapia (GERBER, 2007).

Entre os métodos de tratamentos energéticos, um se destaca: a cura pela imposição das mãos. Esse método tem origem no século XVIII, quando Franz Anton Mesmer, médico

alemão do século XVIII, começou a realizar notáveis sucessos terapêuticos através do método de imposição das mãos sobre os pacientes. Seu método de tratamento era chamado de magnetismo animal, ou simplesmente mesmerismo. Esse médico, em suas afirmações, realizava as curas por meio do uso de uma energia universal, a qual ele denominou de *fluidum*, nas vias energéticas do ser humano com intuito curativo. Segundo Mesmer, o *fluidum* é uma energia sutil presente em todo o universo, responsável pela ligação entre as pessoas e os outros seres vivos, como também entre o planeta e todo o universo (GERBER, 2007).

Em 1960, o doutor Bernard Grad, da Universidade McGill, de Montreal, através de estudos das propriedades energéticas da cura pela imposição das mãos, acabou por reconhecer os poderes terapêuticos na pesquisa em modelos não humanos, retirando o efeito placebo como causa de melhoria das condições de saúde dos pacientes atendidos. A pesquisa de Grad revelou que a imposição das mãos é um método curativo energético independente da postura e da crença daqueles que se submetem a esse tratamento, mostrando potencial para ser utilizado em todos os tipos de pacientes (GERBER, 2007).

Em analogia, a Bíblia Sagrada contém muitas referências ao uso da imposição das mãos para fins terapêuticos e espirituais, pois muitas das curas milagrosas de Jesus foram feitas através desse método. Esse fato nos revela que a imposição das mãos não é nova do ponto de vista histórico, apesar de ainda ser considerada uma novidade terapêutica na medicina da atualidade. Destacamos, sobre essa temática, o trabalho recente de Erbereli (2013) que avaliou o potencial curativo do passe espírita (correspondente espírita para a técnica da imposição das mãos) em um centro espírita, cujo trabalho principal era o acolhimento de sujeitos em situação de rua.

A ESPIRITUALIDADE E OS CUIDADOS EM SAÚDE

Gerber (2007) comenta que os corpos sutis que compõem os campos energéticos possuiriam diversos níveis. Em hipótese, esses campos energéticos sobrepõem-se uns sobre os outros, até chegar a um nível de energia tão sutil que teria uma correlação com o conceito de espírito. O espírito, portanto, seria a representação da forma mais sutil de energia que compõe o ser. O autor também comenta que muitas das doenças físicas não teriam origem no campo etérico exclusivamente, mas, sim, em campos energéticos superiores.

Segundo Gerber (p.261): “A questão aqui é que, embora uma doença possa ser curada no nível físico/etérico, a cura magnética talvez seja ineficaz a longo prazo se a causa primária da doença estiver situada num nível energético mais elevado” (GERBER, 2007). Essa ideia leva a uma noção de que o espírito humano, quando em desequilíbrio, pode ser responsável por muitas das doenças da atualidade.

Sobre a relação corpo físico e espírito (GERBER, 2007):

Existe um aspecto da fisiologia humana que os médicos ainda não compreendem e que relutam conhecer. A conexão invisível entre corpo físico e as forças sutis do espírito detém as chaves para a compreensão dos relacionamentos internos entre matéria e energia. Quando os cientistas começarem a compreender o verdadeiro relacionamento existente entre a matéria e energia, estarão mais perto de compreender o relacionamento entre a humanidade e Deus (p.37).

Ainda sobre a relação entre o corpo físico e o espírito (DELANNE, 2009):

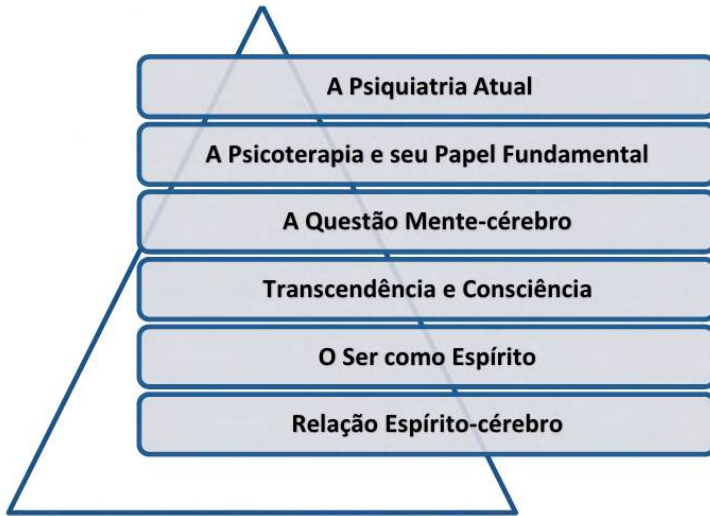
De tudo isto, devemos concluir que, quanto mais se estudam os estados particulares do corpo humano, mais a existência da alma aparece como uma verdade radiosa, porque, quando queremos negá-la, ficamos reduzidos as mais ridículas concepções para explicar os fenômenos do pensamento e do magnetismo, tanto natural quanto provocado (p.103).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a saúde corresponde a um estado de bem-estar físico, mental, social. Aqui acrescentamos a porção espiritual do ser. A espiritualidade, pois, como fator intrínseco ao ser, está presente em seus aspectos físicos, mentais e sociais. Aceitar a noção da espiritualidade como aspecto da reflexão sobre saúde, desde a sua autopercepção até a sua cultura religiosa é adentrar a inteireza do ser e de seus coletivos. Nesse caso, ao estabelecermos uma terapêutica de saúde integral para o ser, estaríamos também cuidando do seu espírito.

Os paradigmas emergentes abrem espaço para uma abordagem mais sensível a esses temas energéticos e espirituais. Também proporcionam uma visão mais humilde sobre a realidade, em que os conteúdos ainda estão processando compreensões mais alargadas da vida, do homem e do universo. Desfocar do materialismo, nessa medida, seria romper a barreira do paradigma clássico, parecendo-nos necessário para ampliar abordagens em saúde e chegarmos a referências mais humanizadas em saúde mental.

A CIÊNCIA PSIQUIÁTRICA E O SER COMO ESPÍRITO

A linha teórica que seguimos a partir daqui segue a da ciência psiquiátrica, em sua investigação sobre saúde mental, cérebro e consciência, chegando até a ideia do espírito como realidade ontológica¹ humana. Tal trajetória é permitida através da discussão anteriormente realizada sobre a ciência e suas transformações neoparadigmáticas.

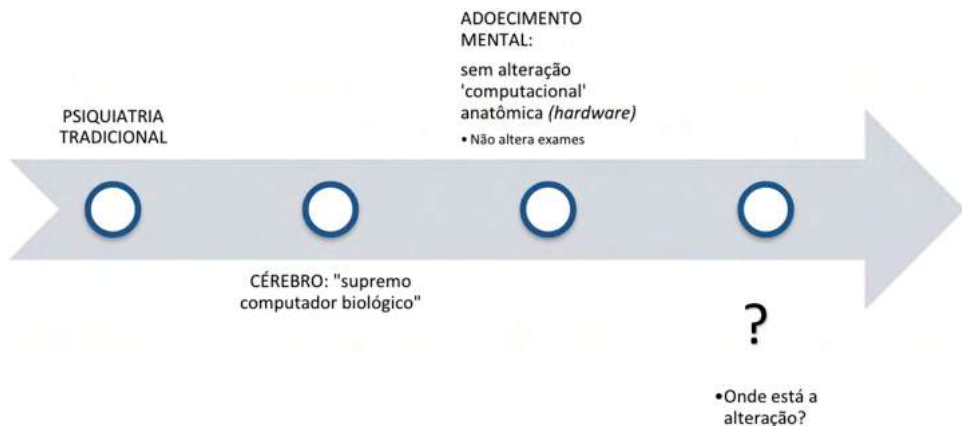


A PSIQUIATRIA ATUAL

O desenvolvimento da ciência nos últimos séculos, em suas diferentes ramificações, foi marcado pelo materialismo e pelo positivismo. O especialista canadense em neurobiologia Mario Beauregard (2010), autor do livro ‘O Cérebro Espiritual’, comenta que esse modelo materialista e positivista provocou imenso avanço para os movimentos científico, contudo gerou uma perspectiva limitada ao desconsiderar as possibilidades não exatas e subjetividades. Sobre essa questão, Beauregard (p.21) menciona: “Na verdade, muitos pensadores veem hoje o objetivo básico da ciência como o de fornecer provas para as crenças materialistas” (BEAUREGARD; O’LEARY, 2010). Essa linha de pensamento afetou diretamente o desenvolvimento da psiquiatria.

A Psiquiatria insere-se nessa tendência do paradigma tradicional, ao considerar o cérebro como um ‘supremo computador biológico’ (GERBER, 2007). Como tal, as peças que se encaixam para formar esse computador são o alvo terapêutico da ciência psiquiátrica, e não as suas funções integrativas e seus conteúdos intersubjetivos. Sabemos que, na maior parte das vezes, os transtornos mentais se manifestam sem provocar qualquer alteração laboratorial ou em exames de imagem. Logo, se não conseguimos averiguar onde está a falha da máquina, qual peça desse computador estaria quebrada?

1. Ontologia: campo da ciência que trata da origem e realidade essencial das coisas.



Uma explicação que a Psiquiatria tradicional promove para essa ausência de evidências laboratoriais nos transtornos mentais seria que as alterações ocorrem em nível fisiológico, e não anatômico. Com as pesquisas realizadas até então, foram descobertas inúmeras irregularidades neurofisiológicas em diversos transtornos, como o desequilíbrio nos níveis de neurotransmissores em determinadas regiões cerebrais, a alteração na transmissão sináptica em certos feixes nervosos, a ação de mecanismos imunoinflamatórios associados, dentre outros (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017).

A 'orientação orgânica' (CAPRA, 2012b) da Psiquiatria foi reforçada pelas conquistas empreendidas por essa ciência. Muitas enfermidades mentais foram atenuadas com a descoberta de processos anatômicos e principalmente fisiológicos das disfunções cerebrais. Essas descobertas levaram a avanços importantes no trato com os pacientes psiquiátricos, com melhora clínica do quadro e até remissão completa em alguns casos.

Entretanto, consideramos que esse desenvolvimento ainda não conseguiu atingir o cerne das compreensões e das ações terapêuticas para grande parte das enfermidades mentais, uma vez que as doenças psiquiátricas se caracterizam pela sua cronicidade e recorrência, a despeito do tratamento medicamentoso. Também ressaltamos a grande prevalência do sofrimento psíquico em nível coletivo. Logo, cogitamos que o tratamento psiquiátrico organicista isolado pode ser insuficiente.



As crises psiquiátricas continuam a fazer frente aos esforços da psiquiatria tradicional. Mesmo com a potencial remissão dos sintomas através do uso de psicofármacos, a recorrência e a cronicidade das síndromes psiquiátricas revelam a inabilidade desse ramo para a resolução completa das enfermidades psíquicas em boa parte dos casos.

A PSICOTERAPIA E SEU PAPEL FUNDAMENTAL

No século XIX, ainda com êxito limitado em sua abordagem biomédica, a Psiquiatria viu-se acrescida em seu potencial terapêutico através do trabalho de um notável neurologista vienense: **Sigmund Freud**. O trabalho de Freud abordou o conteúdo do inconsciente com suas respectivas fragilidades e desadaptações, proporcionando conseqüentemente o advento de um movimento alternativo dentro da Psiquiatria – **a abordagem psicológica**. Segundo Capra (p.126), a abordagem psicológica: “levou a fundação da Psiquiatria dinâmica e da psicoterapia de Sigmund Freud, situando a Psiquiatria muito mais perto das ciências sociais e da filosofia” (CAPRA, 2012b).

O resultado promissor da abordagem psicológica (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017) trouxe uma percepção diferente da posição materialista e positivista da Psiquiatria tradicional. Indagamos: Se os sintomas psiquiátricos fossem de origem puramente física, como poderiam esses mesmos sintomas serem atenuados sem esforços direcionados às próprias alterações físicas? Ou, em outras palavras, como um tratamento baseado na reflexão e no diálogo poderia ter um efeito terapêutico que somente pode ser concebido por uma ação química ou mecânica sobre uma causa física do problema?

O tratamento psicológico mostrou-se eficaz em diversas pesquisas (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017), o que sugere que é necessária uma reavaliação da etiologia dos transtornos psiquiátricos como pertencentes a causas além da física. A abordagem psicológica constituiu, de certa forma, uma revolução para os tratamentos psiquiátricos, uma vez que considera a mente como alvo de uma terapêutica psíquica, descortinando um objeto de estudo potencialmente mais complexo do que as estruturas físicas cerebrais.

Sobre a emergência de uma nova teoria (KUHN, 1998):

[...] a emergência de uma nova teoria rompe com uma tradição da prática científica e introduz uma nova dirigida por regras diferentes [...] tal emergência só tem probabilidades de ocorrer quando se percebe que a tradição anterior se equivocou gravemente (p.115).

O conceito materialista, que atribui às disfunções cerebrais a plena responsabilidade dos transtornos mentais, encontra-se em desalinho com a tendência mais recente de tratar esses transtornos também, e necessariamente, por meios psicológicos. Tendência esta que é atualmente garantida por uma produção científica qualificada e majoritariamente aceita. A abordagem psicológica é uma realidade presente na psiquiatria contemporânea (MIGUEL; GENTIL; GATTAZ, 2011; SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017), embora ainda sofra resistência por parte de uma linha de pesquisadores e profissionais bastante inclinada ao modelo biomédico.

Sobre a posição dos psiquiatras (CAPRA, 2012b):

Em vez de tentarem compreender as dimensões psicológicas da doença mental, os psiquiatras concentraram seus esforços na descoberta de causas orgânicas – infecções, deficiências alimentares, lesões cerebrais – para todas as perturbações mentais (p.126).

Sobre a influência materialista inserida na formação e na prática psiquiátrica (JUNG, 2013):

O materialismo científico recusa-se, em princípio, a admitir qualquer nexos causal que não seja físico. O dogma materialista formulado na psiquiatria diz: “As doenças mentais são doenças cerebrais.” Este dogma ainda prevalece hoje, embora na filosofia, o materialismo esteja em franca decadência. A validade quase indiscutida deste dogma materialista na psiquiatria reside, essencialmente, no fato de a medicina ser uma ciência natural e de o psiquiatra como médico ser um cientista. O estudante de medicina sobrecarregado pelos estudos especializados não tem condições de fazer digressões no campo da filosofia, ficando, portanto, sujeito exclusivamente à influência dos princípios materialistas. Em consequência, as pesquisas psiquiátricas voltam-se em sua grande maioria, para os problemas anatômicos, quando não se ocupam com as questões de diagnóstico e classificação (p.232).

Sobre a importância da psicologia para o tratamento de pacientes com distúrbios psíquicos, Jung comenta (p.230) que: “Já há muito tempo sabemos que certos sintomas desses distúrbios são provocados por processos psíquicos inconscientes. A manifestação do inconsciente em pacientes comprovadamente perturbados é bastante notável, embora pouco reconhecida” (JUNG, 2013). Em sequência, sobre o desenvolvimento das doenças mentais, esse mesmo autor constata (p.242) que: “A irrupção e o desenvolvimento da doença são muitas vezes determinados por motivos psicológicos” (JUNG, 2013).

Sobre a influência do estresse em sintomas físicos (GERBER, 2007):

Ainda que muitos médicos convencionais tenham admitido que o *stress* contribui para a ocorrência de casos de asma, de úlcera péptica, de colite ulcerativa e de outras doenças, têm havido pouquíssimas tentativas de tratar diretamente os fatores psicológicos que atuam sobre essas doenças. Embora alguns médicos recomendem psicoterapia a seus pacientes com distúrbios relacionados com o *stress*, o tratamento físico da doença por meio de métodos farmacológicos tradicionais têm sido privilegiado. [...] Embora essas drogas sejam reconhecidamente úteis no tratamento a curto prazo de situações estressantes agudas, devemos estar sempre atentos para a possibilidade de que elas possam apenas mascarar o problema primário, em nada contribuindo para identificar e eliminar as verdadeiras causas da reação de *stress* (p.357).

Beauregard (p.158) exemplifica: “[...] distúrbio obsessivo-compulsivo e fobias, por exemplo, em alguns casos são aliviados com mais eficácia se a mente reconhece e reorganiza os padrões cerebrais” (BEAUREGARD; O’LEARY, 2010). Sendo assim, a teoria materialista na área das ciências da mente perde força por se mostrar incompleta, reforçando a psicologia como um campo de pesquisa aberto para novas ações terapêuticas das afecções psiquiátricas.



Entendemos que os paradigmas emergentes promovem uma valorização do contexto psicológico, em relação à etiologia dos quadros psiquiátricos, ao reforçar a ideia de que os pensamentos e emoções do sujeito humano estão intrinsecamente relacionados ao seu mapa de mundo, à sua personalidade e à sua forma de se relacionar com os estímulos e com os outros.

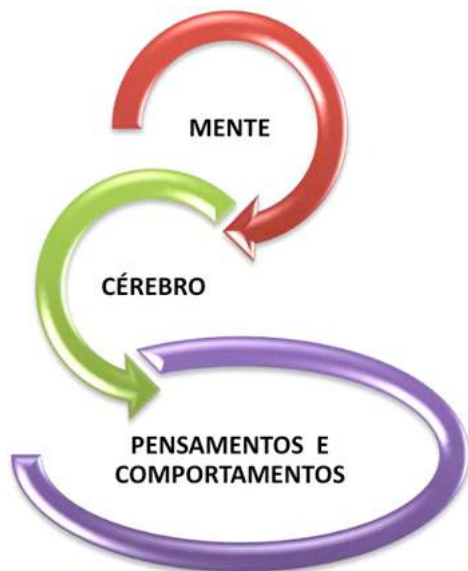
A psicologia, em suas diferentes abordagens, ganha força no trato com o doente, gerando tratamentos reflexivos e buscas de autoconhecimento e transformação pessoal. Em boa parte dos casos, os resultados são positivos por conta do alívio dos sintomas, da melhoria da corrente de pensamentos e emoções em desalinho, e até das mudanças de crenças e de práticas sociais que são, em última análise, uma reconstrução do ser.

A QUESTÃO MENTE-CÉREBRO

A evidência da psicologia como ciência aplicável aos tratamentos dos transtornos mentais provoca-nos questões fundamentais: Se as alterações psiquiátricas podem ser tratadas independente do uso de produtos químicos ou mecânicos, onde está a causa do problema? No cérebro ou na mente? Outras indagações mais fundamentais: Em que consiste a mente? Onde ela se localiza? Qual a sua relação com o cérebro?

Sobre a relação mente-cérebro (BEAUREGARD; O'LEARY, 2010):

Em termos metafóricos, podemos dizer que o mentalês (a língua da mente) é traduzida para o neuronês (a língua do cérebro). Por exemplo, pensamentos aflitivos aumentam a secreção de adrenalina, mas os felizes aumentam a secreção de endorfinas. Esse mecanismo de transdução informacional representa destacada realização da evolução que permite que os processos mentais influenciem causalmente o funcionamento e a plasticidade do cérebro. De certo modo, é como escrever nossas palavras faladas num sistema de símbolos que pode ser lido por outros a distância (p.186).



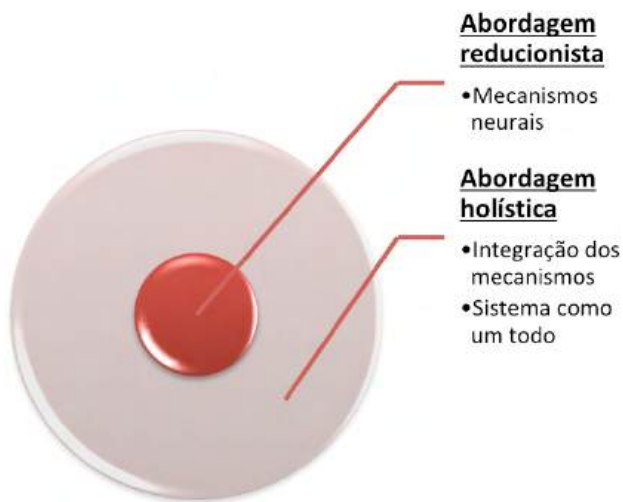
Conforme Beauregard (2010), os processos mentais são primários em relação aos processos cerebrais. Esse conceito de a mente reger a atividade cerebral gera, como consequência, uma ideia hierárquica entre essas duas estruturas. Se a mente comandar o cérebro, este ficaria sob a sua influência e supervisão, sendo a mente potencialmente mais importante em suas atividades do que as funções cerebrais isoladas.

A hipótese de a mente e o cérebro serem estruturas distintas e hierarquicamente sobrepostas, poderia ser combatida pela possibilidade de que uma seja produção da outra. No caso, a mente, como constructo subjetivo, seria uma produção do cérebro, órgão físico material. Essa possibilidade foi construída e alimentada por muitos cientistas contemporâneos materialistas, os quais creem que o sistema nervoso, como centro regente das atividades orgânicas conscientes e inconscientes, seja a fonte das funções subjetivas do ser, assim como do próprio pensamento. Nesse caso, a mente seria fruto do metabolismo cerebral.

Entretanto, de acordo com os conhecimentos atuais da neurociência, as funções cognitivas, como a consciência, as emoções e os pensamentos são bastante complexos em suas origens e interações. Até os dias de hoje, ainda não foi possível localizar componentes cerebrais específicos, os quais seriam responsáveis isoladamente por uma determinada função.

O que percebemos é que muitas das funções cognitivas, principalmente as superiores, dependem de uma atividade integrativa de diversos componentes cerebrais, os quais não podem explicar isoladamente a função global. Tampouco compreendemos como essas funções superiores atingem o nível de complexidade que apresentam por meio das informações disponíveis pela neurociência atual (BEAUREGARD; O'LEARY, 2010).

[...] Com efeito, os neurocientistas puderam mapear a estrutura do cérebro em detalhes e esclareceram muitos de seus processos eletroquímicos, mas permanecem quase completamente ignorantes acerca de suas atividades integrativas. Tal como no caso da evolução, dir-se-ia que são necessárias duas abordagens complementares: uma abordagem reducionista, para se entender os mecanismos neurais em detalhes, e uma abordagem holística para se entender a integração desses mecanismos no funcionamento do sistema como um todo (p.286).



Cogitamos que as funções integrativas cerebrais transmitam a ideia de um funcionamento holístico e sistêmico do cérebro. Essa ideia se aproxima da visão dos paradigmas emergentes, em que cada porção não é mais importante que o sistema inteiro, o qual é definido como uma entidade complexa e com funções superiores em relação a cada fração que o compõe.

A mente humana, de acordo com a construção da ciência psicológica, ressalta uma complexidade e uma subjetividade que não podem ser explicadas plenamente pelo paradigma científico hegemônico de cunho materialista. Os pensamentos, as emoções e as sensações e, sobretudo, o inconsciente são essencialmente particulares, repletos de conteúdos experienciais e interpretativos que levam à formação de uma personalidade única para cada sujeito humano. Cada personalidade, por sua vez, é um universo de potencialidades, caracterizando a singularidade de cada um, em suas ações mais objetivas até as abstrações mais imponderáveis.

Toda essa complexidade, além da carência de explicações por parte da psiquiatria

orgânica, gera-nos a concepção de que a mente seja uma entidade distinta do cérebro, superior a ele em potencial, mas expressa através dele por meio das atividades orgânicas cerebrais. Segundo Beauregard (p.158): “a visão da mente não materialista não é defensável apenas em termos filosóficos, mas crucial para aliviar algumas doenças psiquiátricas” (BEAUREGARD; O’LEARY, 2010).

O nível de integração e complexidade com o qual o cérebro trabalha, estando em íntima relação com a mente, provoca-nos a dúvida sobre quais leis regem o seu funcionamento. A visão reducionista do paradigma tradicional não conseguiu responder a essa questão através do olhar materialista, visto que muitas das funções cerebrais não foram encontradas ou mesmo compreendidas com o estudo minucioso de suas pequenas partes. Abrimos espaço, portanto, para a possibilidade de que as leis que determinam as operações cerebrais estejam mais relacionadas com a **visão neoparadigmática da quântica**.

Sobre a física quântica e o cérebro (BEAUREGARD; O’LEARY, 2010):

De forma resumida, as sinapses, os espaços entre os neurônios do cérebro, conduzem sinais usando partes dos átomos chamados íons. Estes funcionam de acordo com as regras da física quântica, não da física clássica. [...] Que diferença faz se a física quântica governa o cérebro? Bem, uma coisa de que dispomos agora mesmo é o determinismo, a ideia de que tudo no universo foi ou pode ser predeterminado. O nível básico do nosso universo é uma nuvem de probabilidades, não de leis. No cérebro humano, isso significa que ele não é impelido a processar determinada decisão; o que de fato se sente é uma ‘mancha’ de possibilidades (p.54).

De acordo com as palavras de Beauregard (2010), consideramos que a complexidade das atividades do cérebro está relacionada a compreensões sistêmicas que extrapolam a ciência materialista, por isso pode, potencialmente, ser melhor abordada pelos paradigmas emergentes.

Nós, pesquisadores, refutamos a ideia de que o cérebro possa ser uma estrutura de absoluto determinismo, em que as funções cerebrais seriam resultado de um sistema previamente estabelecido. Essa perspectiva retiraria do ser a capacidade de criação e de decisão transformadora. Ao contrário, adotamos a visão de uma estrutura complexa mente-cérebro, em que suas expressões são construídas usando não apenas a razão, mas o somatório de forças psíquicas que movem o sujeito, estando este muito além de seu órgão cerebral.

TRANSCENDÊNCIA E CONSCIÊNCIA

A experiência e a personalidade são partes do ser subjetivo, residem em espaços de indeterminação submetidas à sua autonomia, ainda que relativa. Ponderamos que esse indeterminismo, ou potencial criativo, característico da ciência quântica, apresenta-nos como um fator potencialmente associado às cognições humanas. Conjecturamos que a ação humana é dirigida por um conjunto de forças complexas pertencentes ao campo da (inter)subjetividade e do (in)consciente, embora não possamos desconsiderar os fatores orgânicos e materiais. Todos os componentes se integram para formar a psique.

Sobre uma visão integrada na psiquiatria (JUNG, 2013):

Existe ainda um longo caminho a percorrer até que a filosofia e a patologia do cérebro, de um lado e a psicologia do inconsciente, de outro, venham a se dar as mãos. Até lá, elas devem trilhar caminhos separados. No entanto, a psiquiatria, que precisa se ocupar de todas as pessoas e está comprometida com a tarefa de compreender e tratar os doentes, se ver obrigada a considerar tanto um lado quanto o outro, apesar do abismo existente entre esses dois aspectos do fenômeno psíquico (p.306).

Exemplo de uma das capacidades do cérebro, além da razão, e de acordo com as probabilidades geradas pelos paradigmas emergentes, seriam as **experiências transpessoais**. Para Capra (p.362): “As experiências transpessoais envolvem uma expansão da consciência para além das fronteiras convencionais do organismo e, correspondentemente, um senso mais amplo de identidade” (CAPRA, 2012b). Essas experiências, extremamente ricas em sensações, sentimentos, pensamentos e intuições deixam impressões nos indivíduos, sendo regularmente consideradas como experiências que descortinam uma forma de conexão com um plano existencial diferenciado.

O nível transpessoal abre espaço para um conjunto de estímulos e sensações qualitativamente superiores aos estados normais da consciência (WEIL, 1989). Ele rompe com as limitações dos sentidos, proporcionando a transcendência, ou seja, um estado de consciência em que ocorre uma integração com o cosmo e com noções superiores da existência. Nesse nível, o sujeito se percebe como parte de algo maior, como uma fração do universo com o qual mantém profundas relações.

Sobre o aspecto da transcendência, Capra argumenta (p.362) que: “Essa forma de consciência transcende frequentemente o raciocínio lógico e a análise intelectual, aproximando-se da experiência mística direta da realidade” (CAPRA, 2012b). Essa realidade vislumbra uma forma cósmica de perceber o universo.

Supomos que a consciência possa alcançar patamares experienciais superiores aos

cogitados pela ciência tradicional, o que pode ocorrer através da transcendência. Essa possibilidade encaminha o pesquisador a desbravar o universo da consciência, com o intuito de compreender as suas funções e capacidades.

Segundo Gerber (p.343): “De fato, a própria consciência é uma forma de energia. Ela é a forma mais elevada de energia e está integralmente envolvida com os processos vitais” (GERBER, 2007). A afirmação do autor vem colocar-se contra a ideia de que a consciência reside no cérebro, porque o transcender da consciência parte de experiências qualitativamente superiores.

O SER COMO ESPÍRITO

Ao considerarmos a transpessoalidade, a consciência energética e a sua capacidade de transcendência para estados existenciais superiores, formulamos, então, a seguinte pergunta: Onde se localiza a consciência?

Sobre a consciência (GERBER, 2007):

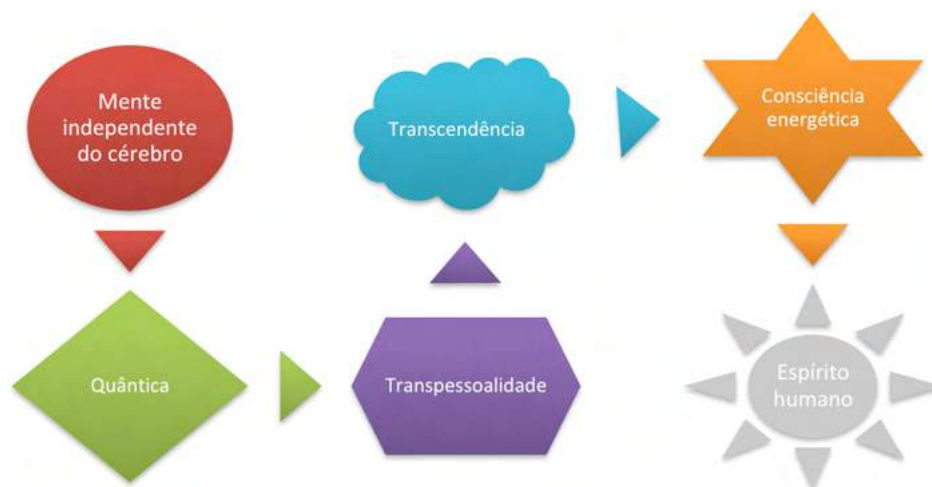
Se considerarmos a consciência como uma qualidade fundamental e uma forma de expressão das energias vitais, estaremos mais perto de compreender como o espírito interage com diversas formas de matéria física e se manifesta através delas. [...] As realidades do espírito não invalidam as leis da ciência. Elas apenas estendem as leis já existentes de modo a incluir nelas os fenômenos relativos às dimensões superiores da matéria, da mesma forma como os físicos einsteinianos incorporaram as antigas descobertas da mecânica newtoniana, mas não deixaram de ir muito além delas (p.34).

A hipótese é de que a consciência habita o espírito, não o corpo físico, provém das limitações do organismo mediante as propriedades mentais superiores. Dessa forma, a consciência pertenceria ao universo espiritual e se manifestaria através da relação espírito-corpo ou mente-cérebro.

Sobre o ser como espírito (alma), manifestando-se através da consciência (DENIS, LÉON, 2005):

O problema do ser e o problema da alma fundem-se num só. É a alma que fornece ao homem o seu princípio de vida e movimento. A alma humana é uma vontade livre e soberana, é a unidade consciente que domina todos os atributos, todas as funções, todos os elementos materiais do ser, como a alma divina domina, coordena e liga todas as partes do Universo para harmonizá-las (p.40).

Segundo Morin (2005), Kardec (2005), Denis (2005), Moraes (2009), Jung (2013), dentre outros, o homem é um ser transcendente, um espírito. Na natureza humana, encontramos a vontade de ir mais além, de ultrapassar a si mesmo e entrar em conexão com uma totalidade indivisível, do místico ao sagrado. O homem, enquanto espírito, busca compreender o seu papel fundamental, o sentido de sua existência, e perceber as relações estabelecidas com o cosmo e consigo próprio. A transcendência se configura como essa tendência, ora antropocêntrica, ora teocêntrica; de aprofundar a realidade concebível e adentrar em uma corrente de possibilidades existenciais.



A possibilidade de que a mente e a consciência estejam presentes no Ser espiritual e, não no Ser físico, descortina um conjunto de novos caminhos para a ciência. A natureza do ser espiritual encontra-se mais direcionada para um contato com a totalidade, com o cosmo, pertencendo a uma comunhão com os outros seres e com todos os elementos do universo. Esse ser cósmico representaria outro meio de viver e de se relacionar, em contraponto ao ser material, em que potencialidades estão limitadas pelas restrições da matéria (MORAES, 2003).

RELAÇÃO ESPÍRITO-CÉREBRO

Então, começamos a tratar do cérebro, passamos pela consciência e chegamos ao conceito de espírito. Mas, evidenciamos uma relação mais direta entre o cérebro e o espírito (MORIN, 2005):

Efetivamente, o espírito humano não reflete o mundo, mas o traduz mediante todo um sistema neurocerebral em que os sentidos captam um certo número de estímulos, que são transformados em mensagens e códigos por meio das redes nervosas, e é o espírito-cérebro que produz aquilo que se denomina representações, noções e ideias pelas quais ele percebe e concebe o mundo externo (p.145).



Ao adotarmos a compreensão do sujeito humano como um ser espiritual que se manifesta pelo corpo físico através do sistema nervoso, mediado por outro corpo de natureza particular, abrimos espaço para uma reflexão sobre a importância do próprio sistema nervoso. Ao partirmos da concepção de que as funções dos neurônios estão relacionadas ao controle de todas as atividades do organismo, das mais simples às mais complexas, devemos supor que uma lesão nesse sistema pode acarretar em uma modificação do ser, na sua maneira de pensar e de se comportar, como também impossibilitar o homem de se manifestar, mesmo com a integridade de seu discernimento.

O sistema nervoso e, em especial, o cérebro são estruturas orgânicas insubstituíveis. Conforme as palavras de Morin (2005), o sistema nervoso é o meio pelo qual o espírito humano se comunica com o mundo, faz-se presente na vida material. Cogitamos, por conseguinte, que as alterações patológicas da cognição, e do comportamento, representadas pelos transtornos mentais podem pertencer à relação entre o cérebro e o

espírito. Nesse caso, ou o cérebro, ou o espírito, ou ambos podem ser responsáveis pelos transtornos mentais.

Se o cérebro for avariado, o espírito ficaria potencialmente impossibilitado de se manifestar completamente ou parcialmente, o que resultaria em um transtorno mental de causa física. Se o espírito se encontrar em perturbação, mesmo com o cérebro íntegro, os atos e as vontades do indivíduo estariam sujeitos a alterações, compondo transtornos mentais de causa espiritual.

Levantamos outras possibilidades em que a relação espírito-cérebro seja atingida por desequilíbrios de ordem mental, por exemplo, a alteração de uma dessas estruturas possa afetar a outra. Nessa situação, um problema de origem orgânico poderia prejudicar o equilíbrio do espírito, ou o inverso, em que uma perturbação espiritual determinaria posteriormente uma moléstia física nos órgãos nervosos. Logo, cérebro e espírito seriam estruturas interdependentes.

Sobre a relação espírito-cérebro e a saúde (GERBER, 2007):

O equilíbrio e a saúde globais do organismo humano dependem de um funcionamento equilibrado e coordenado tanto do corpo físico como dos sistemas de controle homeostático das dimensões superiores. Se houver alguma falha no sistema, em qualquer nível de hierarquia fisioenergética, o colapso físico e a doença podem se manifestar. A saúde, portanto, depende do correto alinhamento, equilíbrio e coordenação das formas e forças energéticas sutis superiores no nível do veículo físico. Quando as perturbações energéticas ocorrem no nível etérico ou em níveis de frequências superiores da estrutura, as alterações patológicas acabam se manifestando no nível físico-celular (p.345).

Após a consideração de que a consciência reside no espírito e não no cérebro, ponderemos que uma visão científica materialista e positivista estaria despreparada para lidar com essa possível realidade. A princípio, o pensamento hegemônico, na medicina atual, enxerga o indivíduo e sua saúde de maneira plenamente biológica; enquanto a psiquiatria, em sua orientação orgânica, apresenta essa mesma visão em relação aos transtornos mentais. Entendemos, portanto, que a medicina e a psiquiatria da atualidade não buscam investir em instrumentos teóricos ou práticos para lidar com as patologias de cunho espiritual.

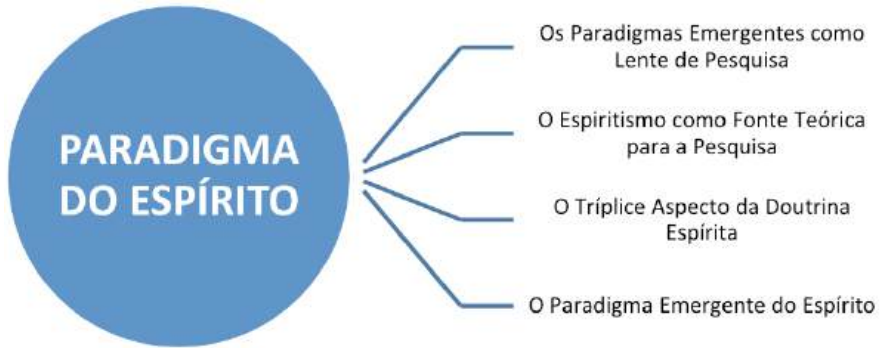
A 'ineficácia' da psiquiatria em resolver os sintomas psíquicos de forma definitiva abre espaço para a possibilidade de que a ciência psiquiátrica esteja atuando de forma insuficiente. Essa brecha da ciência psiquiátrica atual, provocada por sua fragilidade, abre campo para que novas teorias sejam ponderadas, outros pontos de vista sejam levantados para além da perspectiva orgânica. Nesse sentido, os novos paradigmas com suas visões

quântica, sistêmica, complexa e holística representam uma nova maneira de enxergar o cérebro e a psique, aceitando e avaliando suas características transcendentais e espirituais.

Aceitar a possibilidade de uma mente-consciência espiritual engrandece o campo da psiquiatria. Não nos bastaria, portanto, tratar apenas a parte orgânica, que seria por onde o espírito se manifesta. Torna-se imprescindível acessarmos o próprio espírito.

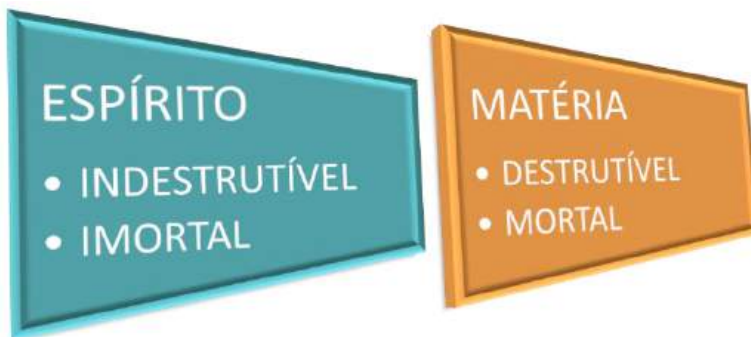
O PARADIGMA DO ESPÍRITO

Com a construção teórica previamente realizada, pretendemos reforçar e incentivar o já existente Paradigma do Espírito como parte ascendente de uma ciência nova. Para tanto, integramos as teorias neoparadigmáticas já consolidadas com o aspecto tríplice – ciência, filosofia e religião, da doutrina espírita.



OS PARADIGMAS EMERGENTES COMO LENTE DE PESQUISA

A ciência é uma produção humana. O ser constrói seus ideais, ações e saberes; e os organiza e direciona conforme a sua vontade. Diante dessa concepção, evidenciamos que a ciência é o resultado daquilo que o homem pensa, estando esta ciência condicionada, de maneira inerente, às virtudes e às imperfeições do pensamento humano. Segundo Dellane (p.21): “Só pode existir duas suposições a respeito da natureza do princípio pensante: matéria ou espírito. A primeira sujeita à destruição, o outro, imperecível” (DELANNE, 2009).



O paradigma clássico submete a ciência, em suas mais variadas expressões, a um olhar materialista e que o prisma ideológico se vincula a contextos paradigmáticos instalados que, em períodos de crise, acirram contradições. Dessa forma, percebemos que não existe uma neutralidade científica plena e que os cientistas são movidos, também, por suas próprias crenças. De acordo com Denis (p.18): “Com a perturbação que invadiu os

espíritos e as consciências, o materialismo ganhou terreno” (DENIS, LÉON, 2005).

A produção científica modela-se, segundo o paradigma clássico, por meio das impressões dos sentidos, das comprovações experimentais e do princípio material dos objetos. Alguns fenômenos, no entanto, não se encaixam nessa forma de fazer ciência, e são tratados como verdadeiras ‘anomalias’. Isto ocorre, de forma não rara, devido às naturezas não materiais dessas anomalias, posto que são percebidas mesmo sem impressionar os sentidos. Os fenômenos espirituais são exemplos dessas ‘anomalias’ científicas (ALMEIDA; LOTUFO NETO, 2003).

Os fenômenos espirituais não podem sofrer intervenção e experimentação científica ao molde dos outros objetos de estudo, pois são frutos de uma consciência existente e dotada de juízo e poder de decisão. Por isso, esses fenômenos modificam-se conforme a sua própria vontade, e não a do observador. Essa peculiaridade os torna mais próximos de uma subjetividade, característica das ciências psicológicas. Ressaltamos, então, a complexidade desse tipo de fenômeno, bem como a necessidade de uma observação dotada de conceitos e hipóteses mais amplas. Bozzano (p.6) afirma que: “[...] as faculdades (SUPRANORMAIS) provam que, na realidade, elas pertencem a outro ciclo de evolução espiritual humana, qualitativamente diverso e muitíssimo mais elevado do que o ciclo dos fatores da evolução biológica” (BOZZANO, 1995).



O paradigma da complexidade de Morin (2005), assim como todos os paradigmas emergentes, possibilita a investigação dos fenômenos espirituais de forma mais íntegra, menos preconcebida. Podemos, por esse prisma, enxergar a pesquisa desse objeto (ou sujeito) como uma pesquisa científica, ressaltando como os paradigmas emergentes

alavancam os fenômenos espirituais como fenômenos autênticos, dignos de serem estudados e compreendidos.

O paradigma sistêmico, em sua ideologia, contempla a possibilidade de abraçar a religião como material de investigação, seja em sua perspectiva teológica, social ou antropológica. Morin (2005) comenta sobre a transcendência espiritual como parte inerente ao ser complexo, por isso também passível de estudo e experimentação.

O paradigma holístico trata da questão da transcendência e da espiritualidade com muita propriedade, ambas constituindo segmentações de uma estrutura que tende à religiosidade, como refere Weil (p.75): “A visão holística ultrapassa de longe os sentidos. Ela engloba e integra as oposições e dualidades. Graças à teoria não-fragmentada de energia, mesmo a divisão entre matéria e espírito tende a desaparecer” (WEIL, 1993).

Santos (2005) reforça a tendência de abraçar os saberes não científicos e torná-los científicos através da ‘ecologia dos saberes’. Esse movimento de exclusão provocado pelo paradigma tradicional, segundo Santos, encaixar-se-ia em uma monocultura do saber, provocada por uma ‘epistemologia do norte’ segregante e parcial. Agir de forma contrária e adotar como objeto de estudo as experiências e saberes invisibilizados seria favorecer uma ‘epistemologia do sul’, trazendo uma maior possibilidade de justiça cognitiva.

O ESPIRITISMO COMO FONTE TEÓRICA PARA A PESQUISA

A partir dessa construção teórica proporcionada pelos paradigmas emergentes, abrimos espaço para propostas de novas fontes de conhecimentos e de novas ciências, as quais possam contribuir com o estudo de fenômenos ainda pouco compreendidos, como os fenômenos espirituais. Diante disso, o **Espiritismo** se apresenta como berço de informações originais, passível de investigação e objeto de estudo da ciência.

Lembrando (KARDEC, 2009a):

O Espiritismo é a nova ciência que vem revelar aos homens, por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, e suas relações com o mundo corporal; ele no-lo mostra, não mais como uma coisa sobrenatural, mas ao contrário, como uma das forças vivas e incessantes ativas da Natureza, como fonte de uma multidão de fenômenos incompreendidos, até então atirados, por essa razão ao domínio do fantástico e do maravilhoso (p.27).

Lembramos Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte León Denizard Rivail, nascido na cidade de Lyon, França, em 3 de outubro de 1804, professor e pedagogo, foi o responsável pela codificação da doutrina espírita. Kardec já tinha escrito diversas

obras que versavam sobre temas variados, como aritmética, educação pública, gramática francesa, dentre outros. Portanto, já possuía experiência em produção científica, utilizando seus conhecimentos no estudo dos fenômenos espirituais (BARBOSA, 2002).

Considerado como o grande nome do Espiritismo, Kardec foi o responsável por pesquisas importantes dos fenômenos espíritas de efeitos físicos e inteligentes, produzindo diversas obras informativas, das quais se destacam principalmente o pentateuco espírita. De acordo com Kardec (2008), o espiritismo é de uma ciência sobre o mundo espiritual, viabilizada por meio de provas, as quais ele considera irrecusáveis. As pesquisas promovidas por Kardec, na época da elaboração do pentateuco espírita, envolveram um método científico rigoroso, em consonância com a ciência da época, por utilizar a observação e experimentação sem descuidar da reflexão e da decisão do pesquisador.

Sobre a ciência associada ao espiritismo (DENIS, LÉON, 2005):

O novo espiritualismo dirige-se, pois, conjuntamente, aos sentidos e à inteligência. Experimental, quando estuda os fenômenos que lhe servem de base; racional, quando verifica os ensinamentos que deles derivam, e constitui um instrumento poderoso para a indagação da verdade, pois que pode servir simultaneamente em todos os domínios do conhecimento (p.22).

A complexidade do fenômeno espiritual era notória pela sua capacidade dinâmica de interagir com o observador, muitas vezes fornecendo respostas diretas às dúvidas dos investigadores. Logo, podemos dizer que Kardec precisou inovar seu método porque na época não havia construção científica para abordar tal espécie de relação entre o sujeito e o objeto.

Sobre o método de investigação da codificação espírita (KARDEC, 2007a):

[...] Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida; assim não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos espíritos quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios (p.19).

Kardec procurou apurar respostas de várias perguntas enviadas para diversos cantos do globo, sendo estas respondidas através de comunicações mediúnicas independentes, mas com similitudes contextuais evidentes, que o permitiram chegar a noções gerais da doutrina em formação (KARDEC, 2008).

O TRÍPLICE ASPECTO DA DOCTRINA ESPÍRITA

Na elaboração da doutrina espírita, Kardec estava de acordo com a ciência da época, mas a superava pelo fator da complexidade do objeto, o que o fez criar uma ciência nova: a ciência espírita, a qual possui também sua dimensão de revelação espiritual (DELANNE, 2009).

Entretanto, o Espiritismo não se desenvolvia apenas como ciência da observação e experimentação. Segundo a literatura espírita, esta doutrina ampara-se em um tríplice aspecto: ciência, filosofia e religião. Logo, constatamos o caráter original do método de Kardec, uma vez que se trata de uma estrutura científica integrada a tipos diversos do conhecimento, em uma espécie de construção paradigmática.

Sobre o tríplice aspecto da doutrina (KARDEC, 2004):

O Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica, como ciência prática ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os espíritos; como filosofia, ele compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações (p.12).

As relações do mundo espiritual com o mundo material, suas particularidades, suas propriedades, compõem os fenômenos espirituais. De acordo com Kardec, a observação e a compreensão desse mundo espiritual, assim como a análise de como esse mundo interage com o mundo material, correspondem ao objeto do Espiritismo enquanto ciência.

A filosofia espírita, segundo Kardec (2008), estaria centrada nas implicações da relação entre os dois mundos, espiritual e material. Importante também comentarmos que as cinco obras do pentateuco espírita apresentam diretrizes científicas, filosóficas e religiosas, que foram compiladas por Kardec por meio de comunicações mediúnicas capazes de focalizar a relação entre os dois mundos.

Sobre o caráter religioso da doutrina espírita (KARDEC, 2009b):

O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões; Deus, a alma, e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo sacerdote (p.338).

Conforme Kardec (2009b), o caráter religioso da doutrina espírita provém do fato de o Espiritismo tratar dos mesmos assuntos abordados por outras religiões. Contudo, no Espiritismo, esses assuntos encontram-se condicionados à sua filosofia, como efeito desta. Kardec mostra a diferença da concepção espírita de religião, citando as diferenças entre a estrutura do Espiritismo e das demais instituições religiosas. Propõe, pois, um novo conceito para religião, esta pautada na razão e não em dogmas. Por conseguinte, com tempo, o próprio Kardec refere-se à religião como importante aspecto do Espiritismo, constituindo uma de suas três faces (DELANNE, 2009).

O tríptico aspecto da doutrina espírita, de acordo com o seu codificador, mostra as três vertentes – ciência, filosofia e religião, como partes integradas de um todo. A ciência espírita observa e experimenta os fenômenos de interação e comunicação entre os mundos material e espiritual. Esses fenômenos, segundo uma perspectiva filosófica, apresentam consequências morais diretamente ligadas às questões religiosas.



Segundo Barbosa (p.97): “Tentar estudar ou compreender a doutrina espírita isolando

um de seus aspectos seria violar a sua natureza” (BARBOSA, 2002). A perspectiva dos paradigmas emergentes promove a possibilidade de uma abordagem sobre o Espiritismo de forma mais integral, sem corromper a sua estrutura básica e englobando sua função religiosa também como objeto de estudo.

O Espiritismo é, portanto, completo, em sua Doutrina, porque, como ciência, nos prova que a vida é eterna, apenas transcorrendo em planos diferentes, sendo o espiritual a nossa verdadeira pátria; como filosofia, nos explica o mecanismo da Evolução e as leis que regulam as relações das almas, no seu eterno caminhar para Deus, sujeitas a reencarnações periódicas, ao determinismo ditado pelo carma; como a Religião natural, ilumina o nosso comportamento no mundo das formas físicas, aumentando o nosso discernimento do bem e do mal e mostrando a nossa responsabilidade na escolha dos caminhos que seguimos, para atingirmos os objetivos da Criação e a Felicidade, com a perfeição moral (BARBOSA, 2002, p.98).

Os conceitos colocados nas descrições dos três aspectos da doutrina, como: imortalidade do espírito, evolução, leis espirituais, reencarnações, relação entre planos vibratórios são caracteres que pertencem ao devir humano de perfectibilidade e se correlacionam entre si. Importante percebermos aqui, a relação que esses conceitos possuem, trazendo dimensões que são interdependentes e que promovem articulações em diversos âmbitos das realidades (inter)subjetivas e suas práticas sociais.

O PARADIGMA EMERGENTE DO ESPÍRITO

Ao acolhermos os paradigmas emergentes como caminhos científicos, tornamos possível abordar a espiritualidade e o espírito como possíveis realidades, através do tríplice aspecto do espiritismo, principalmente sua porção científica.



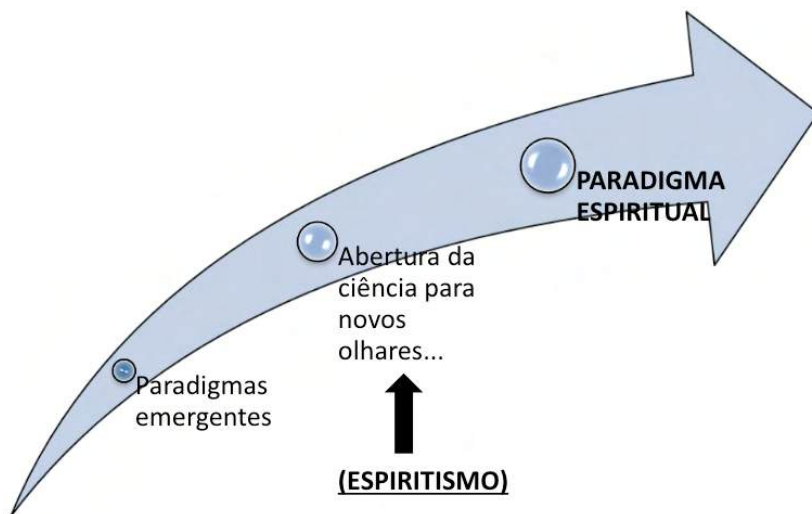
Esse movimento não significa destruir a ciência tradicional e abraçar cegamente uma nova tendência paradigmática. O mais adequado é considerarmos as duas formas de ciências como plausíveis, mas cada uma com suas tendências. Os entraves presentes no paradigma tradicional para o estudo dos fenômenos espirituais não permitiria aprofundamento, enquanto a visão dos paradigmas emergentes aceita a possibilidade do espírito como princípio independente da matéria (CAPRA, 2012b; GERBER, 2007; MORAES, 2003; MORIN, 2005).

O espiritismo está em harmonia com os paradigmas emergentes ao se mostrar como um bloco único de informações, com capacidade de se difundir pelos mais extensos campos do conhecimento. Logo, devemos considerar os paradigmas emergentes como uma fonte científica abrangente que permite abordarmos o espiritismo como fenômeno a ser observado e compreendido, como acervo de saber invisibilizado pelas religiões e ciências hegemônicas.

Ao situarmos-nos junto aos paradigmas emergentes para a consideração das questões espirituais, surge uma proposta de um novo paradigma com raízes na percepção dos pensamentos quântico, sistêmico, holístico, ecológico e complexo, mas, concentrado na temática espiritual. Trata-se do paradigma do espírito, ou paradigma espiritual. Segundo a Doutora em Educação Ângela Linhares, em capítulo do livro *Tribuna de Vozes* (p.265): “[...] o Paradigma do Espírito – um paradigma em gestação, que situa o ser humano como ser espiritual, palingenésico (que vive múltiplas reencarnações), interexistente, multidimensional, espírito em evolução” (VASCONCELOS, 2011).

A proposta do Paradigma Espiritual, ou Paradigma do Espírito, está em construção, alimentando-se da abertura dos paradigmas emergentes e, segundo nossa perspectiva, podendo tornar o espiritismo instrumento fundamental nessa dinâmica científica. Nesse

caso. O espiritismo entraria como fonte de informações dignas de análise e experimentação.



A pesquisadora e professora Dora Incontri (2010) é uma das responsáveis por essa proposta do Paradigma do Espírito. Incontri procura abordar o espírito como fonte e alvo de trabalho científico. Para Incontri (p.421): “[...] a pedagogia espírita não pretende se impor a ninguém, nem criar separativismos, mas apenas se afirmar como uma ideia culturalmente enraizada, solidamente construída, como alternativa para um novo paradigma na educação” (INCONTRI, 2010).

O Paradigma do Espírito entende o sujeito humano como ser espiritual, cujas características transcendentais não podem ser segregadas de seus outros contextos. Essa perspectiva não se resume a uma questão de postura religiosa. Diante de inúmeras pesquisas realizadas em diversos campos da ciência que corroboram a possibilidade de que o ser esteja além da matéria, negar essa possibilidade seria agir arbitrariamente contra uma ciência isenta de preconceitos. A adoção do espírito como foco de reflexão, estudo e experimentação científica é o caminho pelo qual a ciência pode evoluir no sentido de reforçar ou descartar esse conceito, além de proporcionar conquistas importantes.

Sobre o Paradigma do Espírito e o seu potencial ganho social, Linhares e Erbereli afirmam (VASCONCELOS, 2011) :

É certo: a ideia de que somos seres espirituais estabelece uma propensão à compreensão da natureza da igualdade humana, assim como propicia uma abertura ao Outro, que pode nos levar a um novo patamar de convivência com a diferença e as possibilidades de construção de saber em saúde a partir dela (p.287).

Enfatizamos que uma espiritualidade em equilíbrio pode ser fator de proteção para inúmeras doenças, pode promover bem-estar mental individual e coletivo, como também pode possibilitar mudanças estruturais positivas nas relações entre pessoas e nações. Cogitamos que o Paradigma Espiritual, em sua emergência progressiva dentro da ciência, pode modificar o *status* investigativo sobre os estudos acerca da espiritualidade humana, gerando potenciais transformações que vão ao encontro da evolução do espírito, segundo a ótica espírita. Vemos essa possibilidade como a tão esperada conciliação entre a ciência e a religião.

Sobre uma visão harmônica entre ciência e religião (DENIS, LÉON, 2005):

Até aqui todos os domínios intelectuais têm estado separados uns dos outros, cercados de barreiras, de muralhas — a Ciência de um lado, a Religião do outro. A Filosofia e a Metafísica estão erigidas de sarças impenetráveis. Quando tudo é simples, vasto e profundo no domínio da alma como no do Universo, o espírito de sistema tudo complicou, apoucou, dividiu. A Religião foi emparedada no sombrio ergástulo dos dogmas e dos mistérios; a Ciência foi enclausurada nas mais baixas camadas da Matéria. Não é essa a verdadeira religião, nem a verdadeira ciência. Bastará que nos elevemos acima dessas classificações arbitrárias para compreendermos que tudo se concilia e reconcilia numa visão mais alta (p.19).

Estudar o espírito humano é, ao mesmo tempo, criar uma abertura para estudar a Deus, sentido da vida, valores, razões da existência. Separar a ideia do espírito humano da ciência, por uma razão não crível de que esse conceito pertence à religião, portanto, não tem conteúdo científico, seria agir de forma propositadamente cética e materialista. Paralelamente, aceitar a ideia do espírito de forma completa e indiscutível, leva a uma falácia que pertenceria mais a uma crença dogmática do que propriamente a ciência livre. A hipótese de que o ser humano é um ser espiritual não contrapõe de absoluto sua estrutura biológica. Dizer que o ser é espírito, na ciência, não significa rejeitar a suas características materiais e suas limitações orgânicas.

Trazemos o pesquisador Francis Collins, biólogo americano, responsável pela

direção do projeto Genoma Humano, que escreveu um livro polêmico lançado em 2006: “A Linguagem de Deus”. Nessa obra, o autor defende o que seria considerado uma heresia por muitos cientistas contemporâneos, uma aliança entre a religião e a ciência em busca de um mundo melhor. Sua obra tornou-se um *best-seller* e, representa um evento notável para o meio científico em direção a uma abordagem do espírito humano e da espiritualidade. O biólogo traz mensagens inspiradoras, sendo aqui representadas pela passagem seguinte (COLLINS, 2007):

É hora de pedir uma trégua na guerra cada vez mais acirrada entre ciência e espírito. Essa guerra nunca foi de fato necessária. Como em tantas contendas mundanas, essa foi iniciada e intensificada por extremistas de ambos os lados, soando alertas que previam ruínas próximas a menos que o outro lado fosse eliminado. A ciência não é ameaçada por Deus; ela é aprimorada. Certamente Deus não é ameaçado pela ciência; Ele a possibilitou por completo. Por isso, busquemos, juntos, recuperar os fundamentos sólidos de uma síntese satisfatória entre intelectualidade e espiritualidade de todas as grandes verdades. A terra natal da razão e da adoração nunca correu o risco de se esmigalhar. Nunca vai correr. Ela acena para que todos os que buscam sinceramente a verdade venham e fixem residência. Atenda a esse chamado. Abandone a posição de luta. Nossas esperanças, alegrias e o futuro de nosso mundo dependem disso (p.237).

Defendemos que o espírito humano, ainda não compreendido, seja objeto de estudo científico livre de preconceitos e pressuposições; aberto para análise, confrontação e experimentação. Esse olhar investigador que descrevemos, imbuído do espírito de fazer ciência, é o mesmo que encontramos no cerne da doutrina espírita, por isso utilizada como fonte teórica dessa pesquisa. Nós, pesquisadores, almejamos que o Paradigma do Espírito, em sua emergência e desenvolvimento, vislumbre uma nova caminhada dentro da ciência, estabelecendo uma saúde integral para cada indivíduo e para toda a humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psiquiatria, como ciência da atualidade que busca equilíbrio para as alterações psicofísicas dos transtornos mentais, é modelada pelas mesmas fontes de produção teórica dos paradigmas científicos hegemônicos. No entanto, no âmbito da crise paradigmática em que nos encontramos, surgem novas referências para o fazer e o pensar psiquiátricos.

Os paradigmas hegemônicos são: materialismo, mecanicismo (newtoniano), cartesianismo e positivismo. Destes, o que entendemos como o mais relevante para contexto de nossa pesquisa é o materialismo. Vigente desde o século XXIII, este paradigma se desenvolveu e se fortaleceu através do mecanicismo de Newton, do método cartesiano de René Descartes e do positivismo de Augusto Comte, ou seja, foi amparado em todos ou outros paradigmas. O materialismo se concentra nos objetos físicos, materiais, os quais podem impressionar os sentidos humanos e que podem ser experimentados e reproduzidos.

A hegemonia materialista tornou-se uma constante dentro da ciência como um contraponto ao poder da igreja sobre o conhecimento e as ações humanas. Na época, o iluminismo representou um movimento cultural e científico importante para alicerçar a ciência racional e combater o excesso do poder eclesiástico. Mas, entendemos que, nos tempos atuais, esse combate não se faz mais necessário.

Para o paradigma materialista, aquilo que não é da matéria não pode ser considerada científico. Portanto, o estudo da subjetividade humana, da consciência, da psique, dos objetos teológicos e transcendentais não são vistos, por grande parte dos cientistas, como da alçada da ciência, sendo relegados a um plano secundário. Esse posicionamento se mostra tão categórico que até a milenar filosofia, berço de todas as ciências e do próprio pensamento racional, é vista atualmente com olhares de desconfiança.

As perguntas não respondidas (anomalias) pelo olhar limitado do materialismo e demais paradigmas vigentes, além do afastamento de áreas do conhecimento importantes, como a filosofia, configuram a crise paradigmática. Parece-nos que a crise paradigmática se justifica em razão da própria incoerência relacionada aos paradigmas vigentes, principalmente ao materialismo e sua visão excludente aos temas abstratos e espirituais.

Em contraponto ao paradigma materialista, cartesiano, newtoniano e positivista, novas perspectivas científicas ganharam força, surgindo outras correntes de pensamento que buscaram agregar à ciência novos objetos e métodos, além da matéria. Neste estudo, dissertamos sobre os seguintes paradigmas mais contemporâneos: quântico, holístico, sistêmico, ecológico e complexo, conhecidos como paradigmas emergentes.

Os paradigmas emergentes representam uma percepção mais ampla daquilo que a ciência estuda, saindo da esfera reducionista que visa entender cada pequena parte separadamente, para a visão holística que busca a perspectiva do todo (*holus*) e, para a visão sistêmica que considera as múltiplas conexões e variáveis dos sistemas. A quântica entende a matéria como sendo também energia (princípio da incerteza de Heisenberg), a visão ecológica percebe a capacidade inata de organização do universo e, a visão complexa aceita que todo objeto, humano ou material, é complexo em sua essência.

Esses paradigmas emergentes agregam valor e possibilidades à ciência, acarretando em um processo conhecido como transição paradigmática. Esta transição ocorre quando novas teorias são criadas e rivalizam de alguma forma com as velhas, seja ampliando-as ou mesmo se contrapondo a elas. Esse momento de mudança e reciclagem nas bases paradigmáticas tradicionais abre espaço para novas racionalidades. É assim que a ciência avança.

O processo de transição paradigmática consiste na contestação do paradigma hegemônico tradicional e abertura de espaço para os paradigmas emergentes. Essa transição teve início com a percepção das imperfeições ou incompletude do paradigma vigente e a ascensão teórica das novas propostas paradigmáticas. Segundo nosso ponto de vista (pesquisadores), acreditamos que estamos vivendo um momento ímpar de transição paradigmática dentro da ciência. Pensamos assim por mudanças que vêm ocorrendo, por exemplo, o crescimento progressivo das pesquisas acerca da espiritualidade em claro contraste com o materialismo científico.

Entendemos que essa transição não destrói o velho paradigma e o substitui pelo novo. O que podemos perceber é uma sobreposição, quando o velho e o novo convivem de forma conflituosa na observação dos mesmos objetos científicos, gerando caminhos diferentes de estudo. Os paradigmas reformadores, que se propõem como nova metodologia científica, precisam buscar soluções que os paradigmas em uso não alcançam, atingindo êxito em muitas frentes de trabalho. Dessa forma, os paradigmas emergentes conseguem comprovar seu valor epistemológico.

Reforçamos a relevância dos paradigmas emergentes pelo fato de que eles não negam o paradigma materialista, ou o contrapõe de absoluto; ao contrário, eles se anexam à visão materialista e a ampliam por meio de novas percepções. A matéria, por assim dizer, não é negada pela ciência quântica, sistêmica, holística, ecológica ou complexa, mas vista por uma lente mais minuciosa, que entende a matéria como uma estrutura muito além da apresentação física e da percepção dos sentidos. Assim, percebemos que o processo de transição paradigmática não se configura em destruição, mas em transformação.

Pre vemos que, sob os auspícios dos paradigmas emergentes, a ciência possa avançar em direções antes pouco consideradas, como a espiritualidade. É por meio do diálogo sobre a transição paradigmática e das possibilidades advindas dos novos paradigmas que se posiciona a possibilidade de o sujeito como ser espiritual. Nessa hipótese, encontramos a espiritualidade, trabalhada nos novos paradigmas e como resultante de uma produção cultural e imanente do sujeito. A espiritualidade possui sua fundamentação na própria transcendência do ser, ainda em processo de formação evolutiva e consciencial.

Quando acolhemos os paradigmas emergentes - quântico, sistêmico, holístico, ecológico e complexo - tornamos possível abordar o Espírito como realidade, tratando-o como instrumento de estudo e reflexão. Aqui inserimos a visão espírita que, sob uma metodologia científica própria, observa o espírito humano como objeto factual de estudo, buscando suas propriedades e conexões com as outras dimensões do ser.

Lembramos que o cuidado atual dos enfermos psiquiátricos se concentra na visão da ciência psiquiátrica imbuída da influência materialista e do poder biomédico, apresentando pouca abertura para outras visões. A medicina em geral está bastante atrelada à compreensão do indivíduo como ser físico, enquanto as visões de inspiração mais psicoespirituais são rechaçadas ou pouco visibilizadas. O espiritismo, mesmo em meio a esses limites, em sua percepção sobre as práticas de saúde, pode oportunizar uma aproximação com a medicina e com a psiquiatria ao propor um tratamento integral, associando ao cuidado com o físico os cuidados com o espírito.

Reforçamos o espiritismo como fonte de saber e produtor de uma perspectiva própria integrada às demais ciências e que avança na compreensão das causas do adoecimento, bem como na abordagem do paciente em sofrimento psíquico. Entendemos que a entrada do espiritismo no fazer das ciências psíquicas corresponde a uma ampliação da perspectiva do cuidador de saúde, fortalecendo uma atuação profissional plural, com destino a um tratamento integral, sistêmico, complexo, holístico e espiritual que potencialmente melhora a assistência ao enfermo.

O espiritismo também permite uma percepção sobre as relações estabelecidas do sujeito em análise junto aos planos dimensionais com os quais estabelece contato, seja o material ou o espiritual. Logo, ressaltamos o paradigma do espírito, ou paradigma espiritual, como importante referência para uma ciência em desenvolvimento, a qual acolhe e aceita o espírito humano como uma realidade digna de estudo e aprofundamento.

Entendemos que o paradigma espiritual é consequência de um misto de fatores, entre eles o próprio espiritismo, que, em sua vertente científica, pressiona a ciência a se abrir para essa possibilidade. Mas este paradigma também se formou e vêm se fortalecendo independente do espiritismo, como um desfecho racional da construção teórica dos paradigmas emergentes, que encontraram no espírito humano uma realidade científica independente de religião. Como causa ou consequência, o paradigma espiritual e a doutrina espírita estão correlacionados no aspecto científico.

Para nós, pesquisadores, a existência do paradigma espiritual traz um caminho viável para o tráfego do espiritismo dentro da ciência, representando uma abertura democrática no fazer científico. Apesar de a ciência e o espiritismo possuírem origens e princípios distintos, o vínculo entre eles, proporcionado pelo paradigma espiritual, garante o estudo, a compreensão e a assistência do sujeito, enquanto ser psíquico e espiritual. Logo, pensamos no paradigma do espírito e no espiritismo como fatores frutuosos para a psiquiatria, para a psicologia e para as ciências da saúde como um todo.

No que cabe à psiquiatria, vemos o paradigma do espírito como uma nova maneira de compreender a psique humana, pois a visão de uma consciência que pertence ao campo espiritual traz novas conotações ao trabalho dos profissionais da saúde mental. Estes, nessa perspectiva neoparadigmática, estariam imbuídos do ofício de compreender e trabalhar nas relações intrínsecas de uma mente espiritual, cósmica, dotada de um cérebro físico. Cenas de uma ciência futura.

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G. W. **The individual and his religion**. New York: MacMillan, 1950.
- ALLPORT, G. W.; ROSS, J. M. Personal religious orientation and prejudice. **J Pers Soc Psychol**, 5, n. 4, p. 432-443, Apr 1967.
- ALMEIDA, A. M. D.; LOTUFO NETO, F. Diretrizes metodológicas para investigar estados alterados de consciência e experiências anômalas. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, 30, p. 21-28, 2003.
- APA, A. P. A. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V)**. American Psychiatric Association 2013.
- BACHELARD, G. **A Filosofia do não * O Novo espírito científico * A poética do esão**. São Paulo: Abril cultural, 1978. (Os Pensadores).
- BALDUINO, L. **Psiquiatria e Mediunismo**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1995. 319 p.
- BARBOSA, P. F. **Espiritismo Básico**. 5 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.
- BEAUREGARD, M.; O'LEARY, D. **O cérebro espiritual: uma explicação neurocientífica para a existência da alma**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.
- BENSON, H. **Medicina Espiritual: o poder essencial da cura**. 11 ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998.
- BOSI, M. L. M. Pesquisa qualitativa em saúde coletiva: panorama e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17, p. 575-586, 2012.
- BOSI, M. L. M.; MERCADO-MARTINEZ, F. **Pesquisa qualitativa de serviços de saúde**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BOZZANO, E. **Animismo ou Espiritismo: qual dos dois explica o conjunto dos fatos?** 5 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.
- BOZZANO, E. **O Espiritismo e as manifestações psíquicas**. 2 ed. Bragança Paulista: 2013.
- BÍBLIA, P. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Editora Ave Maria 1999.
- CAMPOS, G. W. D. S.; MINAYO, M. C. D. S.; AKERMAN, M.; DRUMOND JÚNIOR, M. *et al.* **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CAPRA, F. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 2012a.
- CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 2012b.
- CARDENA, E.; LYNN, S. J.; KRIPPNER, S. **Variedade das Experiências Anômalas: análise das evidências científicas**. São Paulo: Editora Atheneu, 2013.
- CHIBENI, S. S.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Investigando o desconhecido: filosofia da ciência e investigação de fenômenos "anômalos" na psiquiatria. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, 34, p. 8-16, 2007.

COLLINS, F. S. **A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe**. 4 ed. São Paulo: Editora Gente, 2007.

COMTE, A. **Curso de filosofia positiva * Discurso sobre o espírito positivo * Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo * Catecismo positivista**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

COSTA, J. F. **História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CROOKES, W. **Fatos espíritas**. 10 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005.

DALGALARRONDO, P. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, 34, p. 25-33, 2007.

DALGALARRONDO, P. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DELANNE, G. **O Espiritismo Perante a Ciência**. Limeira: Editora do Conhecimento, 2009.

DELANNE, G. **Pesquisas sobre Mediunidade**. Limeira: Editora do Conhecimento, 2010.

DENIS, L. **O Problema do Ser, do Destino e da Dor : os testemunhos, os fatos, as leis**. 28 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

DENIS, L. **O Problema do Ser, do Destino e da Dor: os testemunhos, os fatos, as leis**. 28 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

DENIS, L. **Depois da Morte**. Rio de Janeiro: FEB, 2008a.

DENIS, L. **No Invisível**. Rio de Janeiro: FEB, 2008b.

DENIS, L. **O Além e a Sobrevivência do Ser**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2008.

DENIS, L. **O Porquê da Vida**. Rio de Janeiro: FEB, 2008c.

DURKHEIM, É. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2001.

ELIAS, A. C. A.; GIGLIO, J. S.; PIMENTA, C. A. D. M.; EL-DASH, L. G. Programa de treinamento sobre a intervenção terapêutica “relaxamento, imagens mentais e espiritualidade” (RIME) para re-significar a dor espiritual de pacientes terminais. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, 34, p. 60-72, 2007.

EMMANUEL, E. **O consolador. Psicografado por Francisco Cândido Xavier**. 29 ed. Brasília: FEB, 2015.

ERBERELI, L. G. R. **Fluidoterapia como racionalidade em saúde: um estudo sobre a produção de sabre do grupo espírita Casa da Sopa no contexto do cuidado para com o sujeito em situação de rua**. 2013. 256 f. (Mestrado) - Saúde Pública, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

FERREIRA, I. **Psiquiatria em Face da Reencarnação**. 11 ed. São Paulo: Feesp, 2001.

FERREIRA, I. **Novos Rumos à Medicina**. 2 ed. São Paulo: Feesp, 2009.

- FERREIRA, I. **Novos Rumos à Medicina**. 4 ed. São Paulo Feesp, 2011.
- FLAMMARION, C. **O Desconhecido e os Problemas Psíquicos**. Rio de Janeiro: FEB, 1980. v. 2).
- FOUCAULT, M. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal 1979.
- GERBER, R. **Medicina Vibracional: uma medicina para o futuro**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- GROF, S. **Experiência Cósmica e Psicose**. Petrópolis: Vozes, 1991. (Psicologia Transpessoal.
- IBGE. IBGE I Censo 2010. 2020.
- INCONTRI, D. O. **Educação e Espiritualidade: interfaces e perspectivas**. Bragança Paulista: Comenius, 2010.
- JASPERS, K. **Psicopatologia geral**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1979.
- JUNG, C. G. **Psicologia da religião**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- JUNG, C. G. **Psicologia do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- JUNG, C. G. **Estudos Psiquiátricos**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- JUNG, C. G. **Psicogênese das Doenças Mentais**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- KARDEC, A. **O que é o Espiritismo**. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2004.
- KARDEC, A. **A Gênese: Os milagres e as predições segundo o espiritismo**. 51 ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2007a.
- KARDEC, A. **Céu e Inferno: A Justiça Divina Segundo o Espiritismo**. 48 ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2007b. 328 p.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2007c.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Celd, 2008.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 365 ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2009a.
- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009b.
- KOENIG, H. **Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade** Porto Alegre: L&PM, 2015.

KOENIG, H.; KOENIG, H. G.; KING, D.; CARSON, V. B. **Handbook of religion and health**. Oup Usa, 2012. 0195335953.

KOENIG, H. G. Religião, espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, 34, p. 5-7, 2007.

KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LARSON, D. B.; SWYERS, J. P.; MCCULLOUGH, M. E. **Scientific research on spirituality and health: A report based on the Scientific Progress in Spirituality Conferences**. National Institute for Healthcare Research, 1998.

LEÃO, F. C.; LOTUFO NETO, F. Uso de práticas espirituais em instituição para portadores de deficiência mental. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, 34, p. 54-59, 2007.

LOMBROSO, C. **Hipnotismo e Mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1999.

LOTUFO NETO, F.; LOTUFO JUNIOR, Z.; MARTINS, J. C. **Influências da Religião sobre a Saúde Mental**. São Paulo: Esetec, 2009.

LUIZ, A. E. **Missionários da Luz. Psicografado por Francisco Cândido Xavier**. 40 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006.

LUIZ, A. E. **Desobsessão. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.

MARTINS, L. B.; ZANGARI, W. Relações entre experiências anômalas tipicamente contemporâneas, transtornos mentais e experiências espirituais. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, 39, p. 198-202, 2012.

Menezes, B. **A loucura sob novo prisma**. 14 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.

Menezes JÚNIOR, A. D.; MOREIRA-ALMEIDA, A. O diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e transtornos mentais de conteúdo religioso. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, 36, p. 75-82, 2009.

MIGUEL, E. C.; GENTIL, V.; GATTAZ, W. F. **Clínica psiquiátrica**. 2011.

MIRANDA, H. C. D. **Condomínio Espiritual**. 7 ed. Bragança Paulista: Instituto Lachâtre, 2013.

MIRANDA, M. P. D. E. **Tormentos da Obsessão. Psicografado por Divaldo Franco**. 9 ed. Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora, 2010.

MIRANDA, M. P. D. E. **Loucura e Obsessão. Psicografado por Divaldo Franco**. 12 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 2003.

MOREIRA-ALMEIDA, A. Explorando a relação mente-cérebro: reflexões e diretrizes. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, 40, p. 105-109, 2013.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; CARDEÑA, E. Diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e psicóticas não patológicas e transtornos mentais: uma contribuição de estudos latino-americanos para o CID-11. **Brazilian Journal of Psychiatry**, 33, p. s21-s28, 2011.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; STROPPIA, A. Espiritualidade & Saúde Mental: Importância e impacto da espiritualidade na saúde mental. **Revisão Zen**, v.2 p. 1-6.

MOREIRA-ALMEIDA, A. D. **Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas**. 2005. 278 f. (Doutorado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MYERS, F. **A Personalidade Humana**. São Paulo: Edigraf, 1976.

NEGRO JUNIOR, P. J.; PALLADINO-NEGRO, P.; LOUZÃ, M. R. Dissociação e transtornos dissociativos: modelos teóricos. **Brazilian Journal of Psychiatry**, 21, p. 239-248, 1999.

NOBRE, M. R. S. **A obsessão e suas máscaras**. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997.

NOBRE, M. R. S. **A Alma da Matéria**. 3 ed. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 2012.

OLIVEIRA, S. F. D. **Estudo da estrutura da glândula pineal humana empregando métodos de microscopia de luz, microscopia eletrônica de varredura, microscopia de varredura por espectrometria de raio-X e difração de raio-X** 1998. (Dissertação (Mestrado em Ciências Morfofuncionais)) - Instituto de Ciências Biomédicas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PALHANO JÚNIOR, L. **Laudos Espíritas da Loucura**. 2 ed. Bragança Paulista: Instituto Lachâtre 2013.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Escala de coping religioso-espiritual (Escala CRE): elaboração e validação de construto. **Psicologia em Estudo**, 10, p. 507-516, 2005.

PANZINI, R. G.; ROCHA, N. S. D.; BANDEIRA, D. R.; FLECK, M. P. D. A. Qualidade de vida e espiritualidade. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, 34, p. 105-115, 2007.

PARGAMENT, K. I. **The psychology of religion and coping: Theory, research, practice**. Guilford press, 2001. 1572306645.

PARGAMENT, K. I. **SPIRITUALLY INTEGRATED PSYCHOTHERAPY: Understanding and Addressing the Sacred**. New York: The Guilford Press, 2007.

PARGAMENT, K. I.; KOENIG, H. G.; PEREZ, L. M. The many methods of religious coping: development and initial validation of the RCOPE. **J Clin Psychol**, 56, n. 4, p. 519-543, Apr 2000.

POPPER, K. R. **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Cultrix, 2008.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A.; RUIZ, P. **Compêndio de Psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica**. 11 ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. 1466 p.

SALDANHA, V. **A Psicoterapia Transpessoal**. Campinas: Komedi, 1997.

SALDANHA, V. **Psicologia Transpessoal**. Ijuí: Unijuí, 2008.

Santos, B. D. S. **A Crítica da Razão Indolente**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

Santos, B. D. S. **O Fórum Social Mundial: Manual de Uso**. São Paulo: Cortez, 2005.

SCHUBERT, S. C. **Transtornos Mentais**. Catanduva: Intevidas, 2012.

TESSER, G. J. Principais linhas epistemológicas contemporâneas. **Educar em Revista**, p. 91-98, 1994.

VASCONCELOS, J. G. O. **Tribuna de Vozes**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

WEIL, P. **A consciência cósmica**. Petrópolis: Vozes, 1989. (Psicologia Transpessoal).

WEIL, P. **A Arte de Viver em Paz: por uma nova consciência, por uma nova educação**. São Paulo: Editora Gente, 1993.

ÂNGELIS, J. D. E. **Triunfo Pessoal. Psicografado por Divaldo Franco**. Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora, 2010. (Série Psicológica).

ÂNGELIS, J. D. E. **O Homem Integral. Psicografado por Divaldo Franco**. 20 ed. Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora, 2011. (Série Psicológica).

ÂNGELIS, J. D. E. **Vitória sobre a Depressão. Psicografado por Divaldo Franco**. 2 ed. Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora, 2013.

SOBRE OS AUTORES

TIAGO MEDEIROS SALES - Médico psiquiatra. Mestre / Doutorando – PPGSC – UFC. Pós-graduado em Psicodrama, Psicologia Transpessoal e Filosofia Clínica. Especialista em Psicologia Transpessoal e Hipnoterapia Ericksoniana. <http://lattes.cnpq.br/5377778150728092>


ÂNGELA MARIA BESSA LINHARES - Professora Associada da Faculdade de Educação da UFC; docente do Mestrado em Saúde Pública da Faculdade de Medicina da UFC; dramaturga e escritora. Doutora em Educação Brasileira. E-mail: angela.ciranda@hotmail.com. <http://lattes.cnpq.br/8381361724149467>


LIVRO 2


O PARADIGMA ESPIRITUAL COMO
CAMINHO




PSIQUIATRIA, ESPIRITISMO E CIÊNCIA

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Ano 2022

LIVRO 2

O PARADIGMA ESPIRITUAL COMO
CAMINHO



PSIQUIATRIA, ESPIRITISMO E CIÊNCIA

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022